

Introdução

Numa época em que o motejo e a negação toldam as verdades dos Evangelhos, importa explicar aos homens aqueles fatos, que negam por não poder compreendê-los, chamados mistérios, milagres, por uns, e, por outros, qualificados de lendários, fabulosos.

Sobre esses fatos o Espiritismo veio projetar luz, fazendo conhecidas as causas naturais de fenômenos até hoje havidos por estranhos a Natureza.

A obra que os bons Espíritos nos determinaram empreender, e que dirigiram, colima difundir a claridade por tudo quanto parecia treva e fazer ressaltar a verdade de tudo o que era reputado por mentira, na grande obra da revelação messiânica realizada por Jesus e recolhida nos Evangelhos.

A explicação dos Evangelhos, pela revelação nova, pela "Revelação da Revelação", mostra, despojado da letra o espírito: que a doutrina de Jesus - não dele mesmo, consoante sua própria declaração, mas dAquele que o enviou - foi alterada, desnaturada, falseada pelas interpretações, dogmas e preceitos humanos, quanto à sua parte moral, aos seus mandamentos e às verdades eternas que ele ensinou; que se harmoniza essa doutrina com o espírito e com o progresso dos tempos modernos, sendo a fonte de toda a verdade e de todo o progresso para a humanidade porvindoura: que é, por si mesma e por suas predições e promessas, a luz, a estrela que conduz a humanidade ao desempenho de seus estádios de evolução, de seus fins e de seus destinos; que, abstração feita de todos os humanos cultos exteriores, que ainda hoje dividem e separam os homens, é aquela doutrina, para todos, a linha de procedimento, presente e futura, traçada a fim de que seguissem com segurança o caminho que teriam de percorrer para a depuração e progresso do espírito; que toda criatura que se afaste dessa doutrina do Mestre, falsa via transita; que importa ninguém absolutamente se aparte do que nessa doutrina se contém, para não se transviar da meta.

A explicação dos Evangelhos, pela revelação nova, pela "Revelação da Revelação", mostra, despojado da letra o espírito: que o culto em espírito e verdade instituído por Jesus, é todo espiritual: interior, pelo segredo da prece, como da caridade, e exterior, pelas obras de justiça, de amor e de caridade, pela ajuda mútua e pela cooperação, na ordem material, moral e intelectual, sob os pontos de vista social, privado e de família; que o batismo pela água, ministrado por João, o Precursor, e, mais tarde, pelos discípulos de Jesus, foi, no seu aspecto material e tendo-se em conta os tempos, os homens e as necessidades da época, transitório, para a era cristã sob o império e o véu da letra, achando-se, porém, e assim permanecendo, no porvir, sob o império do espírito, para a era nova do Cristianismo do Cristo, em seu aspecto simbólico, todo espiritual: o arrependimento a que devem os homens ser convocados e conduzidos; que o batismo pelo Espírito Santo é a assistência, a proteção, o auxílio e a colaboração dos bons Espíritos do Senhor, os quais devem os homens sempre esforçar-se por atrair mediante a humildade, a justiça e a caridade, instrumentos e recursos da pureza do coração, da retidão da alma e da prática das boas obras conformes com a lei do amor: assistência,

proteção, ajuda e colaboração essas, concede-as Jesus aos homens de boa vontade.

Ela mostra que a ceia pascal, de que se fez, com a divindade atribuída a Jesus pelas interpretações humanas, a base dum culto exterior humano, e para a qual se reuniu Jesus com seus discípulos num "amplo cenáculo mobilado", foi, em espírito e verdade, o último e solene apelo do Cristo em prol da fraternidade humana; foi o símbolo da lei do amor e da unidade, e de sua prática, símbolo que devem os homens, na era nova do Cristianismo do Cristo, sempre ter presente na memória, gravado no coração, formulado nos atos; símbolo, cuja comemoração devem eles celebrar, todos, unidos e irmãos, em espírito e verdade, abstraindo-se todos os cultos exteriores que, ainda hoje, os dividem e separam. Tal símbolo, devem, porém, celebrá-lo com a prece do coração, e não com os lábios somente; pela instrução em comum; pelas exortações recíprocas, com severidade para consigo mesmo e com indulgência para com os outros, visando ao objetivo fraterno de mutuamente se esclarecerem sobre seus erros e faltas, amparando-se, destarte, uns aos outros; pelas boas obras, pela caridade fraternal e solidária, sob todas as formas, nas esferas material, moral e intelectual. É assim que terão de render ao Pai o culto de adoração que Lhe é devido, só a Ele, Deus único - uno e indivisível, é assim os adoradores que deseja o Pai, em espírito e verdade: irmãos unidos na prática do amor ao Criador acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, na prática desse duplo amor, em o qual, afirmou Jesus, consistiam, para todos os homens - Judeus e gentios - toda a lei e os profetas. Deste modo, não mais adorarão o Pai na montanha, nem em Jerusalém, mas procurarão cada vez mais tornar-se, pelo trabalho, pela caridade, pelo amor, pela humildade, pelo estudo, pela ciência, pela abnegação, pela cooperação e pela mútua ajuda, com vistas ao progresso, tanto pessoal, quanto coletivo, os adoradores do Pai em espírito e em verdade, a fim de virem todos a ser um só: porque, em nosso planeta, cada qual, então, viverá para todos, e todos para cada um, na ordem material, moral e intelectual.

Mostra, despojando da letra o espírito, que, para esse aprimoramento e transformação, se separará o joio do trigo na época da "regeneração" prefixada pelo Senhor (e aproximam-se os tempos em que se deve iniciar a separação entre maus e bons, entre os "cabritos" e as "ovelhas"); que os Espíritos, que então permaneçam culpados, rebeldes, cegos voluntários, serão lançados "fora, às trevas exteriores", isto é, exilados da Terra e degradados para planetas inferiores, onde terão de expiar sua obstinação no mal, sua rebeldia contra o progresso moral, sua voluntária cegueira, sob as condições compatíveis com o grau de culpabilidade, com as necessidades de expiação, de reparação, de desenvolvimento e de progresso.

Não temos, aqui, de fazer uma análise, que seria necessariamente incompleta, dessa obra da revelação: vultosa, como os Evangelhos que ela explica em espírito e em verdade, essa obra constitui um todo indivisível, que se deve ler por inteiro e meditar seriamente, e cujas partes se prestam apoio mútuo e solidário. Baste, aqui, dizer: ela traz um raio de luz nova para o conhecimento do Pai; esclarece quem é o Filho, dando aos homens ciência da origem e natureza espirituais de Jesus, de sua verdadeira genealogia, e deste modo, incidentemente, revelando a origem do espírito, a origem da alma, seus estádios, fins e destinos, por todo o infinito do espaço e do tempo; a posição espírita de Jesus em relação a Deus

e ao nosso planeta; a natureza extra-humana do corpo de que Jesus se revestiu para seu aparecimento e sua peregrinação na Terra, como enviado de Deus entre os homens, estudando o modo pelo qual teriam ocorrido esse aparecimento e essa peregrinação. Explica todos os fatos denominados mistérios, milagres, mostrando que são fenômenos naturais, obedientes às leis da Natureza. Despojando da letra o espírito, restitui à obra da grande revelação messiânica, recolhida nos Evangelhos e alterada, desnaturada, falseada pelas interpretações humanas, pelos dogmas, pelos preceitos e pela tradição dos homens, a verdadeira fisionomia, o sentido exato, o alcance real, em seu conjunto e em seus pormenores; isto, não só naquilo que a constitui, senão também quanto a todas as palavras que Jesus pronunciou, seja sob a roupagem da parábola, seja sob o véu da letra; quanto a todos os atos por ele praticados, a todos os fatos e eventos que lhe assinalaram o aparecimento e a peregrinação na Terra e que presidiram ao desempenho de sua missão terrena; e, ainda, quanto às suas predições e promessas a respeito do futuro de nosso planeta e da humanidade terrestre, às vias e meios para o cumprimento dessas predições e promessas. Apresenta, em espírito e em verdade, a amplitude e o objetivo, no passado, presente e futuro, da missão espiritual de Jesus em nosso planeta e em benefício de seus habitantes, e a amplitude e o objetivo da missão terrena de Jesus, a qual foi uma das faces, das condições e dos meios de sua missão espiritual.

Queremos, aqui, somente dar ciência desse raio de luz nova, que ela projeta para se conhecer o Pai, e o que ela explica, fazendo saber-se quem é Jesus, cognominado o Cristo.

Jesus disse:

"Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; "ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser "revelar."

Com estas palavras, Jesus prestou testemunho: por um lado, da supremacia, da autoridade e dos poderes ilimitados que Deus lhe conferiu em nosso planeta e sobre a humanidade que deste faz parte; por outro lado, da necessidade das revelações sucessivas e progressivas, no passado, no presente e no futuro, a fim de que os homens soubessem quem é o Filho e quem é o Pai; deu igual testemunho da missão que só ele tinha a revelar e da de fazer revelar, através dos séculos, pelos missionários, no espaço e na Terra, os conhecimentos a esse respeito compatíveis com a inteligência do homem, naquilo que o homem pode suportar e compreender, e com as necessidades de cada época, de cada era.

Da mesma sorte que a revelação hebraica, por intermédio de Moisés e dos profetas, continha promessas de revelações futuras que anunciavam o advento do Messias, assim também a revelação evangélica, feita pelo Cristo, o Messias predito e prometido, encerra as promessas de revelações vindouras, cumpridas pelo "Espírito da Verdade": isso, tanto para a era cristã, através dos apóstolos, sob o império da letra que oculta o espírito, quanto para a era nova, pelos Espíritos em missão, no espaço e na Terra, que vêm despojar da letra o espírito e progressivamente ensinar aos homens a verdade, assim preparando o advento de Jesus, Espírito da Verdade, como complemento e sanção da verdade.

Jesus disse também:

"A vida eterna, porém, é esta: que conheçam a Ti, o "único verdadeiro Deus, e a Jesus-Cristo, aquele que Tu enviaste".

Com estas palavras, que pronunciou, alto e bom som, perante seus discípulos, quando ia entregar-se aos homens para coroar e sancionar sua missão na Terra, mediante o sacrifício do Gólgota, ensinando-lhes a morrer, depois de lhes ter ensinado a viver para o progresso do espírito, Jesus deu testemunho da unidade indivisível do Pai e da missão, que lhe fora confiada, de conduzir os homens, cuja direção aceitara, ao arrependimento e ao progresso universal.

DEUS

No reinado da era chamada pagã, que se perde em a noite dos tempos, e quando se iniciou a era hebraica, as relações ocultas ou patentes entre encarnados e desencarnados, entre protegidos e protetores, haviam preparado e começado a obra da vida eterna trazendo ao homem o conhecimento de Deus, Criador, soberano Senhor do Universo. Ante a noção da unidade divina, o trato do mundo espiritual com o mundo corpóreo, sendo uma das leis da Natureza e, por isto, eterna, estabelecera as relações, ocultas ou manifestas, de todas as categorias de Espíritos - bons e maus - com os homens; e foi nesse trato e nessas relações que teve origem o politeísmo. Contudo, entre todos os povos, em todos os cultos, se conservara o conceito da unidade divina, que entre os iniciados dominava todas as divindades cultuadas pelas massas, porque só o vulgo se achava transviado, e a ambição, o abuso do poder o deixavam no erro e nele o mantinham apesar de tudo¹.

Partindo da terra do Egito e eleito por Deus para a era preparatória do advento da era cristã, o povo hebreu se encontrava sob a influência dessas crenças, denominadas pagãs, que dominavam as massas naquela terra, como entre todos os demais povos, quando foi posto sob o comando de Moisés para essa era preparatória, que devia cumprir-se pela série dos profetas ou enviados, até os tempos definidos pelo Senhor para a vinda do predito e prometido Messias.

Por isto, atendendo à necessidade de sempre ligar o presente ao passado, a fim de depurar, explicar e desenvolver as crenças, a revelação hebraica, proclamando o monoteísmo, chamando a Deus "o Eterno, único Eterno", O proclama e intitula "o Deus dos deuses", acrescentando:

"Deus tomou assento na assembléia dos deuses, e, assentado entre eles, julga os deuses."

"Eu disse: Vós sois deuses, e vós TODOS sois os filhos do Altíssimo."

¹ Mantiveram-no assim, ainda por muito tempo, entre os "gentios", pois, 400 anos antes de aparecer o Cristo na Terra, condenaram Sócrates a beber cicuta.

Destarte, a revelação hebraica preparou o conhecimento de Deus, do Deus único, Criador "do céu e da Terra", o conhecimento do Criador incriado, Criador de tudo o que É no infinito e na eternidade, com esta palavra imensa: "Eu, o Eterno, único Eterno; sou aquele que é."

Em face da obra realizada já na época em que aparecera na Terra, não somente no seio do povo hebreu, pela revelação moisaica, senão também pelos Espíritos em missão, entre os "gentios", Jesus pronunciou estas palavras, para a marcha progressiva da humanidade em direção ao conhecimento do Pai: "Deus é espírito". Essas palavras eram destinadas a destruir, a respeito de Deus, toda idéia de corporeidade, e a preparar cada vez mais o conhecimento do Pai mediante a compreensão do QUE É o espírito para o homem, considerando a distinção, que era mister fosse feita e compreendida, tanto entre o infinito e o finito, entre o que é sem limites e o que é circunscrito, quanto entre o Criador incriado e a criatura. Para escoimar de erros as crenças da era cristã, formadas sob o império da letra e que haviam alterado, desnaturado e falseado a obra da revelação messiânica, e, também, para explicar e desenvolver essa obra, expungindo os erros das interpretações, dos dogmas e dos preceitos dos homens, o apóstolo Paulo, um dos órgãos do Espírito da Verdade para a era cristã - a qual se achava sob o reinado e o véu da letra - inspirado pelos Espíritos do Senhor que o assistiam no desenvolvimento de sua missão, pronunciou as palavras que se vão ler, destinadas a contribuir, com as que Jesus dissera, para o melhor conhecimento do Pai, e a ser para os missionários, encarnados e desencarnados - órgão do Espírito da Verdade para a então era tutora - a era nova do Cristianismo do Cristo, a era espírita, a base, o elemento e o meio daquela purificação, esclarecimento e desenvolvimento da obra:

Não há outro Deus senão só um. Pois ainda que há os que se chamam deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores)², para nós, contudo, há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas, e para quem nós existimos. - Um só Deus e pai de todos, que é sobre todos e por todos e em todos. Tudo vem dele, tudo existe por ele, tudo está nele. Nele temos a vida, o movimento e o ser. Ele é o que é, soberanamente feliz, único poderoso, o Rei dos reis, Senhor dos senhores: só ele possui imortalidade³ e habita uma luz inacessível que nenhum homem viu nem pode ver, e que é a honra e o poder na eternidade. - O Deus de Nosso Senhor Jesus - Cristo, o pai de glória, que dá aos homens de boa vontade o espírito de sabedoria e luz para O conhecer.

Diante das palavras de Jesus e das do apóstolo Paulo, o Espírito da Sabedoria e da Luz - sapientiae et revelationis - traz, pela Revelação da Revelação, um raio de luz nova sobre o conhecimento do Pai, vindo ampliar esse conhecimento e ao mesmo tempo, corrigir, a este respeito, os erros das interpretações humanas, dos dogmas humanos, gerados pela era cristã sob o domínio e no seio das trevas da letra.

A Revelação da Revelação mostra aos homens o Pai - que é o único Deus verdadeiro, imutável, eterno, Criador incriado, uno, indivisível, único e exclusivo

² O sentido e o alcance dessas palavras do apóstolo Paulo, estão explicadas, pelo espírito e em espírito e verdade, no 4º tomo desta obra.

³ Toda criatura, para chegar à vida de ser inteligente, investida de livre arbítrio, de razão, tem que nascer, morrer e renascer (Ver Ev. Mateus, Marcos e Lucas reunidos, sobre a origem do espírito, ns. 55-56 e seguintes.)

principio da vida -, não somente por Sua essência divina, principio emanador, que é, de todas as coisas, que nEle têm toda a existência, de toda a eternidade, e que se regem segundo leis invariáveis e eternas como a essência e a vontade do Criador, de quem dimanam; senão também pelas aplicações e conformações dessas leis consoante Sua vontade imutável, por intermédio dos agentes, secretos ou patentes, desencarnados ou encarnados, para as obras de Sua Providência, de Sua Justiça, de Sua Bondade e de Sua Misericórdia infinitas, para o progresso, vida e harmonia universais, sob o cetro e vigência da grande lei de atração magnética nas ordens espiritual, fluídica e material. Apresenta esse Criador incriado - uno, indivisível, Espírito dos espíritos, Ser dos seres, inteligência, pensamento; fluido, a reger tudo o que se refere a Ele e ao fluido universal, que dEle dimana e que Ele manipula como instrumento e meio de todas as criações, pelas combinações e transformações que opera com esse fluido, e a produzir a diversidade na unidade, para o desenvolvimento e progresso das essências espirituais, dos Espíritos, dos mundos e corpos, nas ordens fluídica e material, para a vida e harmonia universais no infinito e na eternidade. Mostra esse Criador incriado, Espírito dos espíritos, Ser dos seres, a criar a essência espiritual - principio da inteligência, do pensamento e do fluido - mediante uma combinação sutil, cuja essência somente reside nas radiações divinas e é destinada a tornar-se Espírito formado, Espírito, a fim de que tudo quanto dEle provenha, a Ele retorne, mercê de desenvolvimento e de progresso, de purificações e de transformações, partindo do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, na individualidade e na imortalidade. Mostra esse Criador incriado, Ser dos seres, determinando que, sob a direção e vigilância dos Espíritos prepostos e para o necessário desenvolvimento e progresso, passem as essências espirituais pelos reinos mineral, vegetal e animal, até aos limites do reino humano, isto é, até ao período preparatório do estado de Espírito formado. Depois de ter este transposto esse período preparatório e, ainda, no estado de inocência, de simplicidade e de ignorância, o Criador o investe da consciência de suas faculdades e de seus atos, do tão precioso e perigoso dom do livre arbítrio, da razão, elevando-o, assim, ao estado de Espírito, de ser pensante autônomo. É, então, o Espírito uma criatura livre e responsável, chamada, na consciência, independência e liberdade de suas faculdades e de seus atos, a eleger seu caminho, sob a influência amiga dos conselhos e advertências de seus Guias. Do Espírito impenderá, ou falir e, por conseguinte, ser humanizado, submeter-se, nas condições adequadas ao grau de culpabilidade e às necessidades de desenvolvimento e de progresso, à encarnação humana, seja nos planetas primitivos, seja em outros mundos; ou seguir, simples e gradativamente, a via do progresso, obediente sempre à voz e aos conselhos dos Guias, até atingir o ponto culminante da perfeição, quando se tornará Espírito puro, Espírito não falido, de perfeita e imácua pureza. Todos, porém - quer Espíritos falidos e purificados pela reencarnação, de início, expiatória, e depois, enfim, gloriosa, quer Espíritos não falidos, que se hajam mantido puros na via do progresso, de perfeita e imácua pureza -, iguais na origem, partidos do mesmo ponto, se reencontrarão no ápice da perfeição, porquanto a cada qual terá sido concedido conforme suas obras ⁴: por nenhuma de Suas criaturas tem Deus preferência, e nenhuma delas há que ser deserddada.

A revelação nova, “Revelação da Revelação” explica, despojando da letra o espírito, e em espírito e verdade, o sentido e o alcance destas palavras de Jesus: “Meu Pai a ninguém julga”. “Eu não julgo a ninguém”.

⁴ Ver, para a explicação e os desenvolvimentos, o que se diz sobre a origem do espírito, seus estádios, seus fins e seus destinos. (Ev. de Mateus, Marcos e Lucas, reunidos em concordância: ns. 55-56 e seguintes.

JESUS

Uns em Jesus vêem, ao mesmo tempo, um homem, tal como eles no concernente ao envoltório corporal, isto é, revestido dum corpo material, humano, sujeito a morte como o do homem de nosso planeta, concebido e gerado no seio de Maria Virgem, e o próprio Deus, "milagrosamente" encarnado no seio duma virgem, mercê de concepção e geração, no ventre de Maria, por obra do Espírito Santo, e, EM RAZÃO DISSO MESMO, como conseqüência de gravidez e parto, por obra do Espírito Santo: vêem eles em Jesus um Homem-Deus, havendo-lhe atribuído e atribuindo-lhe a divindade, com a declaração de ser ele Deus mesmo, feito homem e mortal como eles próprios, realmente morto no Gólgota e "ressuscitado" graças a ter o espírito novamente entrado num cadáver humano.

Vêem os outros em Jesus apenas um homem carnal como eles, um homem de nosso planeta, fruto da obra humana de José e Maria, realmente morto no Gólgota e não ressuscitado.

Eis, na era cristã sob o domínio e o véu da letra, as duas crenças humanas que sobreviveram a todas as hipóteses, a todos os sistemas, a todas as interpretações, a todas as controvérsias e contradições humanas, e que dividem e separam em meio à multidão dos homens que duvidam e que pesquisam - aqueles a quem se chama cristãos ortodoxos e os denominados livres pensadores. O que assim é, como tudo o que foi e teve curso, desde o aparecimento e passagem de Jesus-Cristo na Terra, havia de o ser diante e depois das revelações hebraica e messiânica, sob o império e o véu da letra - a título transitório - com o fim de preparar e conduzir os homens ao advento do espírito e, deste modo, à revelação nova, à "Revelação da Revelação", com os esforços e lutas do pensamento, das interpretações e das contradições humanas, pelo progresso das inteligências e das ciências, pela evolução espiritual. Essa revelação nova deveria fazer-se quando preparados os caminhos e os meios para que ela se pudesse produzir e quando o campo houvesse, através dos séculos, sido, em todas as direções, arroteado pelos trabalhadores do pensamento, o que atestaria, não só os esforços da inteligência e da razão humanas, mas também a incapacidade do homem para quebrar a cápsula do mistério, de que se revestiram as revelações hebraica e messiânica, e para lacerar o véu que as dissimula, impondo assim a necessidade desta revelação nova, desta "Revelação da Revelação". Com efeito, as revelações hebraica e messiânica, obras da vontade divina para o desenvolvimento e progresso da humanidade, e que assinalaram sua marcha progressiva no caminho da luz e da verdade, bem como a realização de seus destinos, devem ser explicadas segundo o espírito que vivifica, pois "nada há secreto que não haja de ser descoberto, nem nada oculto que não haja de ser conhecido", e não rejeitadas, porque "a letra", que deu os frutos que devia proporcionar, agora "mata".

Para o desenvolvimento e progresso do espírito, para a marcha gradual da humanidade na via do progresso intelectual e moral, como do progresso físico, tudo tem, de acordo com a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, sua razão de ser nas revelações sucessivas e ascensionais. Essas revelações sempre se conformam, na medida do que o homem pode suportar e compreender sob a

influência do meio, dos preconceitos e das tradições, com o nível das inteligências, com as necessidades de cada época, de cada era, sendo ministradas A PRINCÍPIO, durante a longa infância da humanidade, sob a capa do mistério, sob o véu da letra, e DEPOIS, nos tempos precursores de sua virilidade, segundo o espírito. Em todas as épocas, entretanto, são dadas de modo a servir o presente e a preparar o futuro, a esclarecer o homem sem jamais o deslumbrar; destarte, elas o guiam, através dos séculos, em suas pesquisas, ajudando-o a prosseguir, mais e mais, pelo progresso intelectual e moral, na estrada da luz e da verdade.

Deus, em Sua presciência e sabedoria infinitas, sabia quais os meios e as condições em que deveria Jesus manifestar-se aos homens, para desincumbir-se da sua missão terrena e a fim de que ela fosse aceita, trouxesse os frutos que deveria dar naquela época e no porvir, PRIMEIRO sob o véu da letra e conforme à letra, e DEPOIS segundo o espírito, em espírito e em verdade. Importaria fosse ela recebida como sendo o caminho da regeneração e da vida eterna, do estabelecimento do reino da Verdade e, assim, do cumprimento dos destinos de nosso planeta e de sua humanidade, mercê do conhecimento, progressivamente ministrado aos homens e por eles pouco a pouco adquirido, a respeito de Jesus, de sua missão espiritual e de sua missão terrena, bem como do Pai, que é o único Deus verdadeiro. Tal deveria ser a obra das revelações sucessivas e progressivas.

Tudo, de há muitos séculos, fora preparado para esse objetivo, mediante a revelação e a era hebraicas e pelos Espíritos em missão entre os "gentios", ou seja, para o aparecimento e passagem de Jesus na Terra e para o desempenho de sua missão terrena.

A revelação hebraica anunciara a vinda do Messias sob duplo aspecto, do ponto de vista de sua origem e de sua natureza: A PRINCÍPIO, dando-lhe origem e natureza humanas, devendo ele ser póstero de Abraão, pertencer à casa de David, ser, por descendência, filho de David; DEPOIS, intencionalmente, apresentando-o sob a dúvida, o impreciso, a obscuridade e o véu da letra, com origem e natureza extra-humanas, estranhas às leis de reprodução vigentes em nosso planeta, devendo ser concebido e gerado por uma virgem, milagrosamente com um caráter divino; deveriam os homens cognominá-lo "Emmanuel", o que quer dizer Deus conosco.

De acordo com as interpretações dadas, segundo a letra, às profecias, os judeus aguardavam o Messias predito e prometido, filho de David, tendo-o por um libertador material, chamado a proporcionar-lhes a reconquista de sua independência e de sua nacionalidade, como, ainda, a propagação de seu domínio e de seu império sobre todas as nações da Terra.

Maria e José, Espíritos superiores, haviam-se encarnado EM MISSÃO, para o cumprimento da revelação hebraica, para o aparecimento e estada de Jesus entre os homens e para o modo desse aparecimento e dessa estada, não somente a fim de assim auxiliarem o desempenho da missão terrena de Jesus, como para receberem a revelação nova, que deveria, terminada essa missão, dar seus frutos: DE INÍCIO, para a era cristã, sob o império e o véu da letra, e DEPOIS, sob o reinado do espírito, para a era nova do Cristianismo do Cristo, para a era espírita, mediante uma revelação nova, a "Revelação da Revelação".

Nos tempos designados por Deus para o aparecimento de Jesus fez o anjo essa revelação a Maria e a José, não só em condições, como em circunstâncias tais que ela TIVESSE de ficar e ficasse SECRETA durante a missão terrena do Mestre, a fim de que ao povo ela fosse divulgada pelos discípulos, a quem Maria a houvera revelado em segredo, somente mais tarde, sob a influência e inspiração dos Espíritos do Senhor, sendo assim oportuna e frutuosa.

O anjo disse a Maria: "Caíste em graça perante Deus" o que significa, segundo o espírito: "O momento é chegado, em que deve cumprir-se a missão que pediste e obtivestes.

"Conceberás no teu ventre, e de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono "do seu pai David; reinará eternamente sobre a casa de Jacob, e o seu reino não terá fim."

Então, disse Maria ao anjo: "Como sucederá isso, se não "conheço varão?" - O anjo respondeu: "O Espírito Santo" virá sobre ti e a virtude do Altíssimo te envolverá com a sua sombra, e, por isso, o que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus." (LUCAS, I: 30 a 35).

"O nascimento de Jesus-Cristo se deu assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, verificou-se que ela concebera por virtude do Espírito Santo, ANTES que houvessem coabitado. José, seu esposo, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu abandoná-la secretamente; mas, quando pensava nisso, um anjo do Senhor lhe apareceu em sonho e disse: -"José, filho de David, não receies receber Maria por esposa, porquanto O QUE nela se gerou, O FOI pelo Espírito Santo. Dela nascerá um filho e tu lhe darás o nome de Jesus." Tudo o que há sido feito, o foi para cumprimento do que o Senhor dissera pelo profeta: "Uma virgem conceberá e dará à luz um filho a quem será dado o nome de Emmanuel, que quer dizer Deus conosco." - Et VOCABUNT nomen ejus Emmanuel, quod est interpretatum Deus nobiscum. (Mat., I:18 a 23).⁵

Jesus apareceu entre os homens e entre eles desempenhou sua missão terrena sob os auspícios da revelação hebraica, no concernente à origem e natureza humanas: aos olhos dos homens, era um homem igual a eles e um profeta, filho, por descendência, de David, tendo Maria por mãe e José por pai; isso decorria da revelação que o anjo fizera a Maria e a José e que, retirando de José toda paternidade, DEVERIA ficar e PERMANECEU secreta.

Após o desempenho da missão terrena de Jesus, perante a obra dessa missão e quando já divulgada ao povo a revelação feita pelo anjo a Maria e a José, a personalidade de Jesus, aos olhos dos discípulos e do povo, era um mistério: filho de David - PRIMEIRO, considerado filho de José e de Maria, e DEPOIS só de Maria -, ele participava da humanidade, havendo morrido no Gólgota, isto é, tendo, aos olhos dos homens, sofrido a morte real, como a sofre o homem de nosso planeta; e tinha da divindade, como filho de Deus, havendo sido concebido e dado à luz por Maria virgem, por virtude do "Espírito Santo", e ressuscitado. Seu aparecimento e

⁵ Nessas transcrições, todos os grifos são do próprio Roustaing. – N. Trad.

estada na Terra eram, também aos olhos dos discípulos e do povo, um milagre contínuo, dentro da ordem física e da ordem moral: por seus atos ESTRANHOS aos dos homens; pela letra de algumas das palavras que pronunciara; por sua vida, morte e ressurreição, seu aparecimento às mulheres e aos discípulos, sua ascensão ao "céu"; pelos eventos e circunstâncias que haviam presidido a sua missão terrena.

Abrira-se o campo aos esforços e às lutas do pensamento, às interpretações e às contradições humanas; mas, pela obra da missão terrena de Jesus e, depois, pela obra dos apóstolos (mormente do apóstolo Paulo), inspirados pelos Espíritos superiores, que os assistiam e guiavam para que essa obra fosse, como o deveria ser, realizada, tudo se providenciara, de acordo com a presciência e sabedoria infinitas de Deus, para o cumprimento da revelação hebraica e da revelação feita pelo anjo a Maria e a José, DE INÍCIO, segundo a letra, e, DEPOIS, segundo o espírito, em espírito e em verdade. Tudo fora disposto para que essas revelações servissem ao então presente e preparassem o futuro, isto é, preparassem e conduzissem os homens, através dos séculos, com a colaboração de Espíritos encarnados em missão, pela ação dos tempos, do progresso das inteligências, dos esforços e das lutas do pensamento, das interpretações e contradições humanas - na via dessas revelações, apresentadas sob o domínio e o véu da letra - ao advento do espírito, à revelação nova, à "Revelação da Revelação", a qual vinha, quando soada a hora, substituir "a letra, que mata, pelo espírito, que vivifica".

Antes de findo o primeiro século da era nova que o Cristo abria, o apóstolo Mateus, Marcos, discípulo do apóstolo Pedro, Lucas, discípulo do apóstolo Paulo, e o apóstolo João, que se haviam encarnado em missão para esse propósito, já tinham escrito os Evangelhos, sob a influência e inspiração dos Espíritos do Senhor - cada qual em seu gênero e nos tempos em que suas palavras deveriam sucessivamente manifestar-se, considerados o nível das inteligências, as necessidades e aspirações da época. Os Evangelhos eram destinados a reciprocamente explicar-se e completar-se, e chamados, pela vontade de Deus, a conservar e a transmitir às gerações futuras a grande obra da revelação messiânica; eram um código da renovação do mundo, monumento imperecível, que, na qualidade de obra da verdade, realizada pela divina vontade, deveria, com o perpassar dos tempos, ver cair-lhe aos pés tudo quanto, apócrifo ou falso, se tinha de produzir ou ser fruto dos erros humanos; obra que viria a ser a fonte e a regra da fé, A PRINCÍPIO, na era cristã, sob o império e o véu da letra, e, DEPOIS, sob o reinado do espírito, nos tempos da era nova do Cristianismo do Cristo, da era espírita, e, por todo o sempre, sucessiva e progressivamente explicado e desenvolvido pelo "Espírito da Verdade".

Foi pela obra da missão terrena de Jesus, consubstanciada nos Evangelhos, pela obra da missão dos apóstolos (principalmente do apóstolo Paulo), para esse fim dispostas e conformadas, diante e em consequência da revelação hebraica e da revelação feita pelo anjo a Maria e a José, que o que devia ser para a era cristã sob o império e o véu da letra, o foi, e que o que devia e deve ser sob o reinado do espírito, DEVE cumprir-se.

Foi o seguinte o que devia ser para a era cristã sob o império e o véu da letra:

Na opinião dos judeus, o Espírito Santo era o próprio Deus que, por um ato qualquer, se manifestara aos homens.

Considerando à letra a revelação hebraica e a revelação que fizera o anjo a Maria e a José; vendo, deste modo, na concepção e no parto de Maria virgem, por virtude do Espírito Santo, uma obra do próprio Deus a efetuar uma encarnação real,

mas "milagrosa, misteriosa" - ao mesmo tempo humana, quanto ao corpo, e divina, quanto ao espírito, que seria uma fração de Deus mesmo -; tomando, segundo a letra, estas palavras do anjo: "filho do Altíssimo, filho de Deus" e certas palavras de Jesus, isoladas do conjunto das que pronunciara, notadamente estas: "meu Pai"; e, outrossim, em face e como conseqüência da vida pura e imácua de Jesus; dos fatos denominados "milagres", por ele realizados em sua missão terrena; de sua morte, real aos olhos humanos, como a que sofre o homem de nosso planeta; de ter o seu corpo desaparecido do sepúlcro, estando selada a pedra que fechava a entrada da campa; de sua "ressurreição" e, com esta, em virtude de seu aparecimento às mulheres e aos discípulos; de sua ascensão ao Céu, - os homens foram levados a ver em Jesus, filho de David, filho de Maria, um homem, mortal como eles, e, ao mesmo tempo, o próprio Deus, "MILAGROSAMENTE" encarnado, Deus feito homem, "morto" e "ressuscitado". DESTE MODO, foram induzidos a atribuir a divindade a Jesus, e, ainda mais: sob a influência, não só dos preconceitos e das tradições hebraicas, senão também do ambiente em que viviam, naquela confusão e mescla de judeus e de gentios, que seguiam o monoteísmo e idéias politeístas, foram levados - uma vez que, para eles, o Espírito Santo era o próprio Deus, a manifestar-se por um ato qualquer - a ver três Deuses em um só, em três pessoas distintas, dividindo-se esse único e, depois, refluindo e confundindo-se as partes no todo. Tentavam, assim, manter a unidade na pluralidade, sem se dar conta do caráter panteísta, mesclado de politeísmo, desse sistema humano: O PAI, a operar a encarnação de Seu filho no seio de Maria, e, depois, quando Jesus entra em missão pública, fazendo ouvir sua voz nas bordas do Jordão, em presença de João, o Precursor, e dizendo: "Este é o meu filho amado, em quem me deleito": Deus: O FILHO, homem e filho de Deus encarnado: Deus: O ESPÍRITO SANTO, descendo a Jesus, também às margens do Jordão, em forma corporal duma pomba: Deus.

Essas crenças humanas, geradas segundo a letra pela infância da humanidade, não poderiam, contudo, estabelecer-se e subsistir sem contestação, porquanto o reinado da letra não deveria ser mais do que transitório; pouco a pouco solapado na base, sob os golpes dos esforços e lutas do pensamento, das controvérsias, das interpretações e contradições humanas, ele devia preparar e conduzir os homens, pela ação dos tempos, do evoluir das inteligências, da razão, da ciência, ao advento do espírito: mas, de acordo com a presciência e sabedoria infinitas de Deus, ele só deveria ser abatido, destruído para ser substituído, quando chegara o momento em que a letra deveria, por uma revelação nova, pela "Revelação da Revelação", ceder lugar ao Espírito.

A história das interpretações e contradições humanas que, em face da revelação hebraica, da revelação feita pelo anjo a Maria e a José, da obra da missão terrena de Jesus, da obra da missão dos apóstolos, surgiram desde o primeiro século que o Cristo iniciara, mormente no quarto, e depois no décimo sexto século, nos tempos da Reforma e até os nossos dias, no tocante ao modo pelo qual Jesus apareceu e esteve na Terra e à divindade que lhe atribuíram, mostra, com efeito, o seguinte: POR UM LADO, os esforços e as lutas do pensamento, da inteligência e razão humanas, a abrir progressivamente, cada vez mais, a via ao princípio do livre exame; a preparar, em crescente escala, o advento do espírito, mas a debater-se em meio às trevas da letra, na confusão e no enredo do erro e da verdade; a procurar, sem o poder conseguir, quebrar a crosta do mistério, rasgar o

véu da letra; depois, terminando, em sua incapacidade de explicar, de compreender segundo o espírito, por abnegar a letra da revelação hebraica e da revelação messiânica recolhida nos Evangelhos, e por não ver em Jesus senão um homem carnal, igual ao homem de nosso planeta, nascido da obra humana de José e de Maria: assim, qualificava-se de lendário, de fabuloso, aquilo que, com o nome de sobrenatural - termo falso e vazio de sentido -, uns criam maquinalmente e outros negam por sistema, a título de "mistérios" e de "milagres". POR OUTRO LADO, mostra ela essas crenças humanas, surgidas, segundo a letra, na infância da humanidade, como subsistiram e ainda subsistem na era cristã sob o império e o véu da letra, em nome do princípio da autoridade, em sua imobilidade dogmática, ante e em consequência da impossibilidade que, no passado e no presente, manifestam a inteligência e a razão humana, em o exercício do livre exame, de SUBSTITUIR a letra pelo espírito, isto é, de explicar, de entender, segundo o espírito, em espírito e em verdade, a revelação hebraica e a revelação feita pelo anjo a Maria e a José, bem como a necessidade, o motivo e a finalidade dessas duas revelações, e, ainda, a obra da missão terrena de Jesus, a obra da missão dos apóstolos, consoante essa necessidade, esse motivo e essa finalidade. Como consequência dessa incapacidade, o homem não poderia explicar e compreender, segundo o espírito, em espírito e em verdade, quem fosse Jesus-Cristo; quais sua origem e natureza espirituais; qual sua posição espírita em relação a Deus e ao nosso planeta; quais sua autoridade, seus poderes e sua missão, com referência ao nosso planeta e à nossa humanidade; qual a natureza do corpo de que se revestira, para surgir e peregrinar na Terra; como e por quem se teria formado tal corpo, em obediência às leis da Natureza e pela aplicação e conformação dessas leis ao nosso planeta; o que teriam sido, segundo as leis da Natureza, em espírito e em verdade, a concepção e a geração por Maria virgem e, por isso mesmo, sua gravidez e parto; aquilo que (não aquele que) "nasceu dela, tendo sido formado pelo Espírito Santo"; o motivo e a finalidade dessa concepção, dessa gravidez, dessa geração e desse parto, aos olhos dos homens; por quem, em que condições e por que meios, de acordo com as leis da Natureza, se teria essa obra realizado pela vontade de Deus, conforme Sua presciência e sabedoria infinitas.

Desde os primórdios da era nova inaugurada pelo Cristo, uns, permanecendo na letra da primeira fase da revelação hebraica, que anunciara que o vindouro Messias seria pósteros de Abraão, nascido da casa de David, filho, por descendência, de David, e rejeitando a letra da revelação hebraica e da revelação feita pelo anjo a Maria e a José, quanto à origem e à natureza extra-humanas de Jesus, pretenderam - como, por exemplo, os príncipes dos sacerdotes, os fariseus e seus partidários, que haviam repudiado ao Cristo como impostor - que Jesus fosse um homem carnal, igual a eles, filho de José e de Maria, realmente morto no Gólgota, e não ressuscitado. Essa presunção retrógrada, atentatória à letra - bem como ao espírito - das duas revelações: hebraica e messiânica, tinha de ceder passo à obra progressiva dessas duas revelações, da mesma sorte que a era hebraica teve, para que se realizassem o progresso e os destinos da humanidade, de resignar o campo à era cristã. Se ela subsistisse e revivesse mais tarde na esfera das controvérsias humanas sob o império e o véu da letra, seu fado seria ode se expungir e desaparecer ante a revelação futura do Espírito da Verdade, que veio substituir "a letra que mata" pelo "espírito que vivifica", e explicar, em espírito e em verdade, as revelações anteriores.

Outros, alheando-se da letra da revelação, quanto à origem e natureza humanas de Jesus, e admitindo a letra da revelação feita pelo anjo a Maria e a José, no concernente à concepção e parto de Maria virgem, por obra do Espírito Santo, buscando explicar a maneira como teriam ocorrido essa concepção e esse parto, pretenderam que não houvesse Jesus tido um verdadeiro corpo humano, que tal corpo seria duma substância celeste, tendo, para vir ao mundo, atravessado o corpo de Maria sem lhe alterar a virgindade, da mesma forma que a luz passa através do cristal. Essa suposição demonstrava, a um tempo, não só os esforços, como a incapacidade, da inteligência e da razão humanas, de romper a cápsula do mistério, de levantar o véu da letra. Apresentava o defeito de livrar-se, em parte, do jugo da letra das duas revelações, de ferir, assim, os preconceitos e as tradições, os anseios e as necessidades da época, quando ainda não soara a hora do advento do espírito, o que só se deveria verificar muitos séculos mais tarde; oferecia uma hipótese que, nos liames da letra e fora da verdade, era para as inteligências tão incompreensível quanto a própria letra, sem nada explicar segundo o espírito, e substituía um mistério por outro mistério, um milagre por outro milagre. No decurso dos tempos, devia ficar, e ficou, isolada e sem influência sobre o vulgo: era, entretanto, uma baliza plantada na estrada do porvir e à qual, nos tempos da revelação futura do Espírito da Verdade, seriam os homens chamados a volver os olhos.

Outros ainda, pondo INTEIRAMENTE de lado a letra da revelação hebraica e da revelação feita pelo anjo a Maria e a José, a respeito da origem e natureza humanas, ou extra-humanas, de Jesus, e quanto à concepção e parto de Maria virgem, por virtude do Espírito Santo, negaram o caráter humano atribuído a Jesus, PRIMEIRO como filho de José e de Maria durante sua missão terrena, e DEPOIS, mais tarde, como filho somente de Maria, e presumiram tivesse Jesus tomado um corpo fictício, um corpo espiritual, tendo ele descido, com esse corpo, do "céu". Tal suposição também atestava esforços e incapacidade da inteligência e razão humanas, que procuravam romper a crosta do mistério, rasgar o véu da letra. Oferecia, igualmente, o defeito de melindrar os preconceitos e as tradições, os anseios e as necessidades da época, de quebrantar o jugo da letra também ainda quando a hora do advento do espírito não soara, só devendo soar longos séculos mais tarde; propunha uma hipótese que, oposta à letra das duas revelações e aos fatos passados aos olhos dos homens, tais como os haviam entendido, era para as inteligências - sem nada esclarecer segundo o espírito, em espírito e em verdade - ainda mais incompreensível do que a própria letra e que substituía um mistério por outro mistério, um milagre por outro milagre. Fruto de esforços prematuros e impotentes, também essa presunção deveria permanecer, e permaneceu, isolada e sem influência sobre o vulgo no decorrer dos tempos; era, todavia, outra baliza fincada na estrada do porvir e para a qual, nos tempos da revelação futura, trazida pelo Espírito da Verdade, seriam os homens chamados a voltar as vistas.

A crença humana, gerada, segundo a letra, na infância da humanidade, devia prevalecer e prevaleceu.

Na época em que se divulgou amplamente a revelação feita pelo anjo a Maria e a José, já era corrente entre os povos orientais a crença na concepção e no parto de virgens fecundadas pela divindade e, daí, em encarnações "milagrosas", a um tempo humanas e divinas, de filhos de deuses. Os judeus haviam trazido do

exílio os elementos de tais crenças: para eles, o Espírito Santo era o próprio Deus, o Eterno, que se manifestaria aos homens por um ato qualquer. Não deveria, pois, surpreendê-los a letra da revelação hebraica e da revelação feita pelo anjo a Maria e a José, no pertinente à origem e natureza, quer humanas, quer extra-humanas, à concepção e ao parto de Maria virgem, por virtude do Espírito Santo, e, assim, quanto à encarnação "milagrosa", simultaneamente humana e divina, de Jesus, filho de Deus, homem e Deus. Obra da vontade divina, deveriam essas duas revelações ser aceitas, em face dos preconceitos e das tradições, segundo a letra por aqueles que eram incapazes de explicá-las segundo o espírito, em espírito e em verdade, a título de mistério, de milagre, e, conseqüentemente, sem procurar explicar, nem compreender.

Esteada nos preconceitos e nas tradições, na letra das duas revelações; nas interpretações dadas, segundo a letra, a certas palavras de Jesus e dos apóstolos; no acreditar-se na morte real de Jesus homem, no Gólgota, e em sua ressurreição como filho de Deus, aquela crença humana, gerada, segundo a letra, pela ainda infante humanidade, resistiu às contradições dos homens.

Mas, também desde o primeiro século, foi negada a divindade que se atribuía a Jesus - principalmente no quarto século e, depois, no décimo sexto - tendo essa divindade provocado, naquelas diferentes épocas, interpretações e controvérsias humanas sobre a origem e natureza espirituais de Jesus. No quarto século, Anus e seus sectários negaram "a divindade do Verbo" e sustentaram que "o filho de Deus era uma criatura extraída do nada, capaz de virtude e de vício, e que não era verdadeiramente Deus senão por participação, como todos os outros a quem se dá o nome de deuses; que, se existisse o filho de Deus antes de todos os séculos, de nenhum modo era coeterno com Deus." No século dezesseis, Lelio Socin e Fausto Socin negaram, como Anus e seus sectários, a divindade atribuída ao Cristo, sendo Fausto Socin de opinião que Anus e seus sectários haviam demasiado concedido a Jesus-Cristo e negando "a preexistência do Verbo"; afirmou "não ser o "Espírito Santo uma pessoa distinta e, portanto, não existir senão o Pai, que seria propriamente Deus; que se o nome de Deus fora, nas escrituras hebraicas, dado a Jesus-Cristo, não o teria sido no mesmo sentido que ao Pai, e que esse termo, aplicado a Jesus-Cristo, significava SOMENTE que o Pai, ÚNICO Deus por excelência, lhe outorgara um "poder soberano sobre todas as criaturas, tendo-o, em "conseqüência, feito digno de ser adorado pelos anjos e pelos homens." ⁶

Por essas controvérsias, que se levantaram no seio das trevas da letra e em meio às sutilezas da escolástica e que deixaram longos e profundos traços no vulgo, difundiram-se a dúvida e a incredulidade entre os cristãos, em face daquela crença surgida, segundo a letra, na infância da humanidade, e com fundamentos na letra da revelação hebraica e da revelação feita pelo anjo a Maria e a José quanto à origem e natureza humanas, e à origem e natureza extra-humanas de Jesus homem e filho de Deus, e Deus, como se concebido no seio de Maria virgem e dado à luz por ela, virgem, por virtude do Espírito Santo. Nessas controvérsias misturavam-se, enredadas na obscuridade da letra, VERDADE e ERRO: VERDADE, naquilo que afirmavam não ser Jesus verdadeiramente Deus; não haver senão o Pai, que fosse propriamente Deus; ser Jesus-Cristo uma criatura de Deus; que, se o nome de Deus

⁶ Nessas transcrições, todos os grifos são de Roustaing. - N. Trad.

Ihe fora dado nas escrituras hebraicas, não o fora no mesmo sentido que ao Pai, que esse termo, aplicado a Jesus-Cristo, queria somente dizer que o Pai, ÚNICO Deus por excelência, lhe concedera um poder soberano sobre o nosso planeta e seus habitantes; não ser o Espírito Santo uma terceira pessoa, no sentido e conforme a pretensão da Igreja Romana, em seu dogma das três pessoas; ERRO encerravam, ao sustentar que Jesus-Cristo era criatura capaz de vício, como também de virtude, e que não tinha existência anterior à formação da Terra. Mantinham-se impotentes, nas trevas da letra, para explicar e compreender, segundo o espírito, em espírito e em verdade, o que era mister entender por Espírito Santo na revelação que fez o anjo a Maria e a José, deixando, assim, subsistir a interpretação e o sentido que lhe atribuíram os preconceitos e as tradições dos hebreus, quais os de haver sido Deus mesmo que houvesse operado a concepção e o parto de Maria virgem: deixavam, assim, continuasse como realidade a obra, no seio de Maria virgem, duma encarnação "milagrosa", a um tempo humana e divina.

Em face dessa mistura, dessa confusão, nas malhas da obscuridade da letra, de verdade e erro no concernente à origem e natureza espirituais de Jesus; ante essa incapacidade de romper a crosta do mistério, de rasgar o véu da letra, quanto à concepção e, por isso mesmo, quanto à gravidez e ao parto, por virtude do Espírito Santo, tais controvérsias não podiam substituir o passado e ser a base do porvir, e a obra da Reforma se cumpre sem elas, aceitando e mantendo a crença nascida, segundo a letra, nos primeiros tempos da humanidade. Frutos dos esforços prematuros e impotentes da inteligência e da razão humanas, deviam, porém, concorrer, juntamente com a obra da Reforma que, também ela, trazia consigo, em meio às trevas da letra, confusão e mistura de verdade e de erro, para o advento e preparação do espírito: eram uma baliza plantada no caminho do porvir e à qual os homens, nos tempos da revelação porvindoura do Espírito da Verdade, seriam chamados a volver os olhos.

Em razão dos progressos da dúvida, da incredulidade, da revolta da razão humana, que mais e mais se recusava a aceitar as crenças geradas, segundo a letra, na infância da humanidade, e o que era, e é dogmaticamente ensinado em acordo com essas crenças, a título de mistérios, de milagres, por isso que teria havido uma derrogação das leis imutáveis da Natureza - as controvérsias, que se levantaram desde os tempos da reforma, na via do livre exame, contudo sempre nas trevas da letra, recordaram e fizeram reviver, em nossos dias, essa pretensão retrógrada, que atenta contra o espírito e contra a letra da revelação hebraica e da revelação messiânica consolidada nos Evangelhos, a saber: que Jesus-Cristo haveria sido um homem carnal, qual o homem de nosso planeta, filho de José e de Maria, realmente morto no Gólgota e não "ressuscitado".

Em face, porém, dessa pretensão que surgiu em nome do livre pensamento e que não é mais do que um dos graves desvios desse mesmo livre pensamento, que tomou a vida da negação e da incredulidade, conseqüentes da incapacidade da inteligência e da razão humanas, que rejeitaram como lendário, fabuloso, tudo quanto, nas duas revelações, elas não podem, não sabem explicar, de acordo com as leis universais da Natureza, em espírito e em verdade, - as crenças originadas, segundo a letra, pela infância da humanidade DEVIAM subsistir e SUBSISTEM. Deviam subsistir e subsistem porque, se são inadmissíveis e se, desembaraçadas das trevas da letra, alteraram, desnaturaram, falsearam o sentido e o alcance das

revelações hebraica e messiânica, aceitaram estas duas revelações e lhes conservaram a documentação para a era cristã sob o império e o véu da letra; e se, ante a incapacidade da inteligência e da razão humanas de explicar e compreender, em espírito e em verdade, como causas naturais e segundo o curso das leis da Natureza, o que elas admitiram e admitem, mantiveram e defenderam, mantêm e defendem, a título de mistérios, de milagres, não devem apagar-se e desaparecer SENÃO para ceder lugar à era nova do Cristianismo do Cristo, à era espírita, às radiações luminosas do espírito que vivifica, do espírito que vem, pela "Revelação da Revelação", derramar a claridade sobre tudo o que parecia treva, mostrar as causas naturais de tudo o que se julgava estranho à Natureza, e de tudo o que era tido por mentira extrair a verdade. Da mesma sorte que se aniquilam e desaparecem as trevas da noite ante a aurora matutina, cedendo seu lugar à luz do dia, tais crenças deviam subsistir e subsistem, pois as revelações que Deus envia aos homens para o desenvolvimento e progresso graduais do espírito humano, para a progressiva marcha da humanidade, - obra da Bondade divina, contra a qual nada podem o sarcasmo da ignorância e a negação da incredulidade - não devem ser rejeitadas porque não se possam compreender segundo a letra, mas devem ser explicadas segundo o espírito, que deve proporcionar a unidade de crenças. Destarte, fica selada a aliança da fé com a razão, com os progressos das inteligências e da ciência humana, graças à ciência que Deus envia aos homens por intermédio do Espírito da Sabedoria e da Luz, órgão do Espírito da Verdade.

Jesus não é Deus ⁷, nem jamais afirmou fosse Deus; todas as suas palavras, intencionalmente veladas pela letra, ou não veladas, dispostas de maneira a servir à sua época e a preparar o futuro, a constituir, pelo espírito que vivifica, base e elementos para a vindoura revelação, por ele predita e prometida, do Espírito da Verdade, protestam contra essa divindade que lhe atribuíram as interpretações humanas. Jesus não é Deus, porque Deus é UM, porque não há outro Deus senão o Pai, que é o único Deus verdadeiro - imutável, eterno, infinito; que cria, não, porém, pela divisão de sua essência; Criador incriado, de quem tudo e todos tiram o ser; que paira ACIMA de todos, existindo dEle, por Ele e nEle TÃO-SOMENTE criaturas.

Jesus-Cristo não foi um homem carnal, revestido dum corpo material humano, tal como o do homem de nosso planeta, porque: o corpo material humano só pode formar-se em obediência às leis naturais e invariáveis da reprodução, que regem, em nosso planeta, a geração exclusivamente pelo concurso dos dois sexos; a vontade imutável de Deus jamais derroga as leis da Natureza, inalteráveis como essa vontade mesma, da qual emanam de toda a eternidade; consoante a revelação feita pelo anjo, ou Espírito superior, enviado por Deus a Maria e a José, revelação essa que não se pode nem se deve rejeitar porque não se possa compreender segundo a letra, mas que se deve explicar e compreender segundo o espírito, em espírito e verdade, de acordo com as leis da Natureza, que regem os mundos superiores e sua aplicação e conformação à nossa esfera, o corpo que Jesus revestiu para surgir e passar na Terra, aí cumprindo sua missão, não foi o fruto da concepção humana: formou-se per obra estranha à geração humana, sem o concurso dos dois sexos, por uma operação extra-humana, envolta - conforme a necessidade dos tempos, o nível das inteligências, os preconceitos e as tradições -

⁷ Ver, a esse respeito, o Ev. de João, nº 1.

na capa do mistério, no véu da letra, que recobrem e ocultam o sentido daquelas palavras do anjo, destinadas a servir à época e a preparar o porvir, trazendo consigo, em espírito, a base e os elementos da revelação futura do Espírito da Verdade: "o que nele se gerou, o foi pelo Espírito Santo."⁸

Não foi Jesus um homem como nós ainda porque: a concepção de Maria virgem e, em consequência, a gravidez e o parto dela, virgem, não poderiam ser, nem foram, reais, pois contrariariam as leis da Natureza que regem a geração dos corpos da humanidade em nosso planeta, o que é impossível, uma vez que a vontade imutável de Deus jamais derroga nenhuma das leis da Natureza, inalteráveis como essa vontade mesma, da qual provêm de toda a eternidade; DAÍ E NECESSARIAMENTE, aquela concepção, aquela gravidez, aquele parto não foram mais do que aparentes, graças a uma obra espírita que só pode ter ocorrido, e que só se deu, de conformidade com as leis da Natureza.

Jesus-Cristo não foi um homem carnal, revestido de corpo material humano, tal como o do homem de nosso planeta - sujeito, como nós, à morte, realmente morto no Gólgota, e depois ressuscitado, no sentido que os homens ligaram e ligam a este vocábulo, isto é, pela volta do Espírito a um cadáver humano - porque a vontade imutável de Deus jamais derroga as leis inabaláveis que regem a vida e a morte para a humanidade de nosso planeta e que não permitem ao Espírito ocupar o cadáver, unir-se à podridão e aí retomar a vida.

Se Jesus-Cristo houvesse realmente morrido no Gólgota, passado pela morte, como a sofre o homem do nosso planeta, não pudera ressuscitar assim, como entenderam e entendem os homens a ressurreição, com aquele corpo, material, humano, morto e que, desde logo, passara ao estado de cadáver. Se tivesse tomado um corpo material humano, igual ao do homem de nosso planeta, o desaparecer do sepulcro o corpo, estando selada a pedra que fechava a entrada do túmulo; o desaparecimento de Jesus aos olhos dos dois discípulos que ele encontrara na estrada de Emaús, estando à mesa com eles; suas duas sucessivas aparições entre os discípulos onde estes se achavam reunidos, tendo entrado nesse recinto a portas fechadas, pelo temerem os judeus, - tudo isso teria sido impossível por contrariar às leis imutáveis da Natureza, que regem os corpos materiais humanos, tais como os dos homens de nosso planeta. E, entretanto, se Jesus morreu aos olhos dos homens, igualmente ressuscitou aos seus olhos, isto é, reapareceu com aquele corpo de que se revestira para sua missão terrena, deixado no Gólgota, desaparecido do sepulcro onde fora depositado, estando selada a pedra da entrada, corpo esse cuja natureza é mister conhecer, explicar e compreender em face e como consequência das seguintes palavras que pronunciou, aludindo àquele corpo que constituía SUA VIDA aos olhos dos homens, instrumento e meio de seu aparecimento e passagem pela Terra, para cumprir sua missão terrena antes, durante e após o sacrifício do Gólgota, e referindo-se a esse sacrifício, à sua ressurreição:

"Deponho a minha vida para a retomar; ninguém ma arrebatou, eu a deponho pela minha própria vontade. Tenho a faculdade de a depor e tenho a faculdade de a retomar. Esta ordem, eu a recebi de meu Pai." ⁹

⁸ Grifos do próprio Roustaing.

⁹ Os grifos são do próprio Roustaing. – N. Trad.

E, contudo, desapareceu aos olhos dos dois discípulos que encontrara na estrada de Emaús, quando à mesa com eles; surgiu ante os apóstolos no lugar onde se achavam reunidos, tendo entrado nesse recinto a portas fechadas, por temerem aos judeus. Mas, então, qual a natureza desse corpo, de que se revestira Jesus? Como se teria formado tal corpo? mediante que meios e modos, segundo que leis da Natureza, por que aplicação e adaptação dessas leis à nossa esfera? que foram, em espírito e em verdade, e conforme às leis da Natureza, a concepção, daí, a gravidez e o parto de Maria virgem, por virtude do Espírito Santo? se essa concepção, essa gravidez, esse parto não foram reais, de vez que não teriam contrariado às leis imutáveis da Natureza, que regem, em nosso planeta, a geração do corpo material humano, sujeito à morte, como o é o corpo do homem; se, portanto, **NECESSARIAMENTE**, foram apenas aparentes, como obra espírita, extra-humana, - **QUEM É O ESPÍRITO SANTO?** por que necessidade, por que motivo e com que finalidade, em face da presciência e sabedoria infinita de Deus; por que modos e meios, e segundo que leis da Natureza, ocorreram aquela concepção, aquela gravidez, aquele parto, apenas aparentes e a ponto de iludir Maria, que nesses fatos devia crer, e creu, como se fossem reais?

Estas perguntas não podem ser desprezadas. mas há que responder a elas, porque Jesus disse que "nada há secreto que não haja de ser descoberto, nem nada oculto que não haja de ser conhecido"; porque se apóiam na revelação hebraica e na revelação feita pelo anjo a Maria e a José; e, repetimo-lo, as revelações sucessivas e progressivas, enviadas por Deus sob a crosta do mistério, sob o véu da letra, nos tempos da infância da humanidade, para a marcha ascendente desta mediante o desenvolvimento e progresso do espírito humano, no caminho da luz e da verdade, - obra da divina vontade, contra a qual o motejo da ignorância e a negação da incredulidade nada podem - não se tem o direito de rejeitá-las pela incapacidade de explicá-las e compreendê-las segundo a letra. Agora, porém, tendo produzido os frutos que deviam produzir sob o império e o véu da letra - "a letra mata" -, elas devem ser explicadas segundo o espírito, em espírito e em verdade, e de acordo com as leis imutáveis da Natureza.

Os representantes das crenças geradas, segundo a letra, na infância da humanidade - os quais atribuíram e atribuem divindade a Jesus-Cristo, que viram e vêem nele um homem e um Deus, um homem-deus, o próprio Deus feito homem, mortal, revestido dum corpo material humano, como o do homem de nosso planeta, realmente morto no Gólgota e ressuscitado por força da ocupação dum cadáver humano pelo espírito - se amparam no termo falso e vazio de sentido - "sobrenatural" - na aceção corrente de **DERROGAÇÃO** das leis da Natureza. Tudo admitem, na revelação hebraica e na revelação feita pelo anjo a Maria e a José, bem como na obra da missão terrena do Mestre, mas, não somente sem poder explicar, nem compreender, como sem procurar explicar e entender o que elas encerram, a título de mistérios e de milagres, como se constituíssem tais fatos uma derrogação das leis da Natureza. Destarte, em nome da autoridade dogmática, que não permite exame nem discussão, repudiam e condenam todas as contradições e todas as impossibilidades que protestem contra suas crenças, suas interpretações e seus dogmas.

Os representantes do livre exame, feito nas trevas da letra - os quais negaram e negam a divindade atribuída a Jesus-Cristo e que se acham na impossibilidade de explicar QUEM SEJA o Cristo, QUAIS sua origem e natureza espirituais, QUAL sua posição espírita em relação a Deus e ao nosso planeta; que não viram, nem vêem em Jesus senão um homem carnal de nosso orbe, realmente morto e não ressurrecto - triunfam, assumindo a atitude de adversários das crenças geradas, segundo a letra, nos primeiros tempos da humanidade e declarando aos partidários dessas crenças: "As leis da Natureza são imutáveis como a vontade de Deus, da qual provêm, sendo, pois, impossível qualquer derrogação dessas leis; a base, em que se apoiam vossas crenças, vossas interpretações e vossos dogmas é, de conseguinte, falsa, e acusa, patenteia a inexatidão de tais crenças, interpretações e dogmas." Conseguindo esse fácil triunfo, e para continuar a sustentar que Jesus teria sido um homem carnal de nosso planeta, filho de José e de Maria, rejeitam como lendas e fábulas - à míngua de poder compreendê-lo segundo a letra - tudo aquilo, cuja necessidade, motivo e finalidade, consoante a presciência e sabedoria infinitas de Deus, eles não podem, nem sabem explicar, e que, na revelação hebraica e na revelação feita pelo anjo a Maria e a José, bem como na obra messiânica da missão terrena de Jesus, registada nos Evangelhos, é chamado mistério, milagre pelos adeptos das crenças geradas, segundo a letra, na infância da humanidade, e por eles declarados sobrenatural, uma derrogação das leis imutáveis da Natureza. Incapazes de explicar e de compreender segundo o espírito, em espírito e em verdade, de acordo com as leis da Natureza e com as aplicações e adaptações destas à nossa esfera, o que qualificam de lendário, de fabuloso, não admitem eles outras leis da Natureza além das por eles conhecidas, tudo pesando na balança que têm nas mãos.

Deste modo, por um lado, erro e incapacidade da fé cega, e, por outro, erro e incapacidade da razão humana, no exercício do livre exame, o qual, no seio das trevas da letra, nada produz mais do que negação e apenas conduz à dúvida e à incredulidade, destruindo sem substituir, deixando as almas indecisas e a fé incerta, flutuando no ar e sem saber em que ponto assentar.

Agora, que o campo da revelação hebraica, da revelação feita pelo anjo a Maria e a José, da revelação messiânica enfeixada nos Evangelhos, foi, há perto de dois mil anos, arroteado em todos os sentidos pelos trabalhadores do pensamento, sob o império e o véu da letra, a inteligência e a razão humanas continuam, como o foram, impotentes para explicar, em espírito e em verdade, segundo as leis da Natureza: quem é Jesus-Cristo, quais sua origem e natureza espirituais; qual sua posição espírita em relação a Deus e ao nosso planeta; qual a natureza do corpo de que se revestiu para surgir e peregrinar na Terra e para desempenhar sua missão terrena; como se teria formado esse corpo. A inteligência e a razão humanas foram e ainda são incapazes de: explicar a necessidade, o motivo e a finalidade da revelação hebraica e da revelação que fez o anjo a Maria e a José, em sua ordem progressiva, quanto a uma origem, a uma natureza, humanas a princípio, e, depois, extra-humanas, a serem atribuídas a Jesus-Cristo; responder a pergunta formulada ao anjo por Maria: "Como sucederá isso, se não conheço varão?"; explicar: a resposta do anjo a Maria e a José, envolta na capa do mistério, velada pela letra; o que teriam sido aquela concepção e aquele parto de Maria virgem (e, daí, aquela gravidez e aquele parto dela, virgem), por virtude do Espírito Santo; o que deve ser entendido por Espírito Santo e por estas palavras do anjo a José: "o que nela se

gerou, o foi pelo Espírito Santo". Aqueles fatos da concepção, gravidez e parto de Maria não poderiam ter sido reais, pois se oporiam às leis imutáveis da Natureza que regem, em nosso planeta, a geração do corpo material humano, sujeito à morte, e que postulam, para a concepção no seio da mulher, o concurso de ambos os sexos; aquela concepção, gravidez e parto foram, por isso mesmo e necessariamente, apenas aparente, como obra espírita, extra-humana. A inteligência e a razão humanas foram e continuam a ser incapazes de explicar por que necessidade, por que motivo, com que objetivo e por que meios e modos se levaram a efeito aquela concepção, aquela gravidez e aquele parto - simplesmente aparentes -, e de tal modo que pôde haver, e houve, ilusão aos olhos de Maria, ilusão tal, que ela acreditou naqueles fatos como reais. Em face dessa incredulidade, quando as crenças que se formaram, segundo a letra; na infância da humanidade, já não encontram senão dúvida e incredulidade, e quando, tendo-se tornado insuficientes e não tendo mais razão de ser, deixam a fé sem alimento, importa uma revelação nova que difunda a claridade sobre tudo o que pareça treva e que evidencie a verdade, segundo as leis da Natureza, de tudo quanto, sob o nome de "mistérios, milagres", se entendia fora da Natureza, era tido por mentira.

Da mesma sorte que o que devia ser para a era cristã sob o império e o véu da letra, o foi, assim também o que devia e deve ser para a era nova do Cristianismo do Cristo - a era espírita - sob o reinado do espírito, se vem realizar, quando são chegados os tempos de se cumprirem estas palavras de Jesus: "O espírito é o que vivifica, a carne nada aproveita; as palavras que vos tenho dito são espírito e são vida", bem como as palavras do apóstolo Paulo: "a letra mata, o espírito vivifica"; quando, ante o progresso das inteligências, estão preparados os meios e as vias para a obra dos séculos e das gerações que se sucederam; quando foi patenteada aos olhos de todos a ciência do magnetismo humano e, por conseguinte, a do sonambulismo, a qual revelou a ação magnética e seus efeitos sobre o homem, do ponto de vista, não somente curativo das moléstias, mas também do desprendimento da alma no estado sonambúlico magnético e dos efeitos desse desprendimento nas ordens fisiológica, psicológica e mediúnica, estabelecendo esta última as relações do Espírito liberto com o mundo invisível; quando, outrossim, a ciência da comunicação do mundo invisível com o mundo visível, isto é, das relações entre os Espíritos desencarnados e os encarnados, foi claramente exposta aos olhos de todos mediante manifestação geral, que revela a existência, a ação e os efeitos do magnetismo espiritual e da influência magnético-espírita, e cuja compreensão a haviam preparado o magnetismo humano e, por este, o sonambulismo; quando, enfim, a revelação espírita¹⁰, obra dos Espíritos em missão de preparar e de iniciar a nova era, levou os homens a entender a causa natural de fatos que, na grande obra da revelação messiânica, recolhida nos Evangelhos, foram chamados milagres, julgados fora da Natureza, tachados de mentiras.

Dando, segundo o espírito, em espírito e em verdade, cabal explicação dos Evangelhos, a revelação nova, a "Revelação da Revelação" esclarece as causas naturais, os meios e modos, consoante o curso das leis imutáveis da Natureza, de todos os fatos denominados mistérios, milagres. Corrigindo todos os erros das interpretações humanas que até hoje se fizeram, sob o império e o véu da letra,

¹⁰ Essa revelação tem sua base formulada em "O Livro dos Espíritos" e em "O Livro dos Médiuns".

quanto à natureza e origem espirituais de Jesus e à sua posição espírita em relação a Deus e ao nosso planeta; quanto à natureza e à formação do corpo de que ele se teria revestido para seu aparecimento e sua passagem pela Terra; quanto ao que é mister entender por Espírito Santo; quanto à concepção por Maria virgem e, em conseqüência, quanto à gravidez e ao parto dela, virgem, por virtude do Espírito Santo, - a revelação nova prova: que Jesus-Cristo não é Deus; que a divindade, que lhe foi atribuída e que teve sua razão de ser na época e de acordo com as necessidades da infância da humanidade, bem como para a era cristã sob o império e o véu da letra, é absolutamente inadmissível segundo o espírito, em espírito e em verdade, que Jesus não foi um homem carnal de nosso planeta: esta presunção, retrógrada e atentatória, assim ao espírito, como à letra da revelação hebraica e da revelação do anjo a Maria e a José, também é inteiramente inaceitável. Pela origem e natureza espirituais, atualmente reveladas, de Jesus, e pela posição deste, igualmente hoje revelada, em relação a Deus e ao nosso planeta, ela mostra em conseqüência de que necessidade, por que motivo e com que objetivo, em acordo com a presciência e a sabedoria infinitas de Deus - como condição e meio de desempenho de sua missão terrena e para a marcha progressiva da humanidade na trilha da luz e da verdade, A PRINCÍPIO sob o império e o véu da letra, e, DEPOIS, sob o reinado do espírito - foi Jesus, pela revelação hebraica e pela revelação do anjo a Maria e a José, apresentado sob duplo aspecto, do ponto de vista de sua origem e de sua natureza: com origem e natureza humanas, A PRINCÍPIO, e, DEPOIS, com origem e natureza misteriosas, milagrosas, divinas, simultaneamente humanas e extra-humanas, segundo a letra. Essa origem e essa natureza, quando os tempos fossem chegados, haveria de mostrar-se, conforme o espírito, em espírito e em verdade, segundo o curso das leis da Natureza, terem sido extra-humanas.

Dando a conhecer aos homens a origem e a natureza espirituais de Jesus, a revelação nova, a "Revelação da Revelação" no-lo mostra ser puro espírito, de pureza perfeita e imácula, cuja perfeição se perde na noite dos tempos; conforme as leis imutáveis e eternas da Natureza, provindo, como todas as criaturas, do mesmo principio: Deus, UNO, INDIVISÍVEL - imutável, eterno, infinito, o Pai -, Criador incriado, criando, mas sem dividir Sua essência, não havendo nenhum outro Deus senão o único Deus, que é o Pai, esse Pai, que é o único Deus verdadeiro, que é o Pai de todos, ACIMA DE todos e em todos, vindo, como todas as criaturas, desde o estado originário de essência espiritual, passando, em conformidade com as leis inalteráveis e eternas da Natureza, para seu desenvolvimento e progresso, pelos reinos mineral, vegetal e animal, para atingir o estado de Espírito formado, de Espírito investido do livre arbítrio, da razão, com a consciência e a liberdade de suas faculdades e de seus atos, e, depois, como todas as criaturas, tendo sido chamado a escolher seu caminho, tendo-se mantido sempre dócil à voz e aos conselhos de seus Guias; e, destarte, partido do estado de inocência, de simplicidade e de ignorância, sempre permanecendo puro na via do progresso, chegando ao ponto culminante da perfeição, se tornou, sem jamais ter falido, puro Espírito ¹¹.

Dando aos homens conhecimento da posição espírita de Jesus em relação a Deus e ao nosso planeta, essa revelação o mostra eleito por Deus para fundador, protetor e governador de nosso globo, encarregado do desenvolvimento e do

¹¹ Ver, para as explicações e desenvolvimentos, o que se diz sobre a genealogia de Jesus, a origem do Espírito, seus estádios, seus fins e seus destinos, nos Ev. de Mateus, Marcos, Lucas reunidos, ns. 55 e 56.

progresso deste, do desenvolvimento e do progresso de todas as criaturas pertencentes aos três reinos naturais e que a nossa Terra abriga em seu seio, em meio a seus ambientes e à sua superfície, e, bem assim, do desenvolvimento e do progresso de nossa humanidade, que ele conduzirá à perfeição.

Fazendo conhecer como apareceu e passou Jesus pela Terra; qual a natureza do corpo de que se revestiu para se desempenhar de sua missão superior; como, de acordo com as leis imutáveis da Natureza, se formou esse corpo; qual, segundo o espírito, em espírito e em verdade, o sentido da resposta dada pelo anjo àquela pergunta que lhe fez Maria: "Como sucederá isso, se não conheço varão?", e das palavras do anjo a José: "O que nela se gerou, o foi pelo Espírito Santo" ¹² - essa revelação apresenta Jesus revestido dum corpo em harmonia e compatível com a sua natureza espiritual e, relativamente, em harmonia com a nossa esfera: corpo fluídico, apto a longa tangibilidade, formado segundo a leis da Natureza que regem os mundos superiores, por aplicação e conformação dessas leis aos fluidos ambientes de nosso planeta, os quais servem para a formação dos seres terrestres. Ela explica essa formação consoante aquelas leis e a aplicação e adaptação das mesmas ao nosso meio.

Dando aos homens conhecer o que é, em espírito e em verdade, o Espírito Santo; qual foi a operação, mediante a qual se verificaram, segundo as imutáveis leis da Natureza, a concepção por Maria virgem e, por isso mesmo, a gravidez e o parto dela, virgem; e quais foram a natureza e o caráter desses fenômenos, - ela mostra que por "ESPÍRITO SANTO" cumpre se entendam os Espíritos do Senhor, na ordem hierárquica, os órgãos de Suas inspirações, os ministros ou agentes de Suas vontades.

A revelação nova mostra que aquela concepção por Maria virgem e, por isso mesmo, aquela gravidez e aquele parto dela, virgem, foram, com efeito, apenas aparentes, obra estranha a qualquer ação humana, obra do Espírito Santo, isto é, dos Espíritos do Senhor, e, POR CONSEQUENTE, puramente espírita; não podiam ser reais, pois teriam sido contrários às leis da Natureza que, imutáveis como a vontade de Deus, da qual dimanam, exigem, em nossa Terra, o concurso dos dois sexos para a concepção no seio da mulher, e, portanto, para a gravidez e o parto; deste modo, não poderiam necessariamente, deixar de ter sido apenas aparentes.

Ela esclarece quais os meios e modos, por via dos quais se realizaram, de acordo com as leis da Natureza, aquela concepção, aquela gravidez e aquele parto simplesmente aparentes, de tal maneira que Maria teve perfeita ilusão desses fatos; sua ilusão foi tamanha, que ela teve de neles crer e creu como se foram realidade, não só a respeito da gravidez, mas também do parto, quando foi Jesus por ela recebido sob o aspecto duma criança.

Explica por força de que necessidade, por que motivo e com que finalidade tudo se passou DESSE MODO, em acordo com a presciência e sabedoria infinitas de Deus.

12 Grifos do próprio Roustaing. – N. Trad.

Assim como devia isto ser, e deve ser, porque as revelações são sucessivas e progressivas, PRIMEIRO; sob o véu da letra, na infância da humanidade e, DEPOIS, conforme o espírito, a revelação nova, a "Revelação da Revelação", tem sua base e seus elementos na revelação hebraica e na que fez o anjo a Maria e a José, na obra da missão terrena de Jesus e na da missão dos apóstolos. Outrossim, da mesma sorte que, pela explicação dos Evangelhos em espírito e em verdade, encontra ela sua sanção antecipada na obra da missão terrena de Jesus, assim tem sua sanção antecipada na obra da missão dos apóstolos e naquilo que dessa missão devia, pelo órgão do apóstolo Paulo, ser dito aos homens da época e chegar às gerações futuras.

Inspirado pelos Espíritos do Senhor, que o assistiam no desempenho de sua missão, o apóstolo Paulo, naqueles termos que já citamos e aqui recordamos, proclamou a UNIDADE INDIVISÍVEL do Pai como o único Deus verdadeiro, tendo proscrito e condenado, no passado, no presente e no futuro, toda divindade que se pretendesse atribuir a qualquer outro que não fosse o Pai, seja no Céu, seja na Terra:

"Só há um Deus, pai de todos, que está acima de todos, que estende sua providência sobre todos nós; aquele que é soberanamente bem-aventurado, o único poderoso. O Rei dos reis, o Senhor dos senhores; só ele possui a imortalidade e habita uma luz inacessível que nenhum homem viu ou pede ver e que é a honra e o poder na eternidade. Tudo vem dele, tudo existe por ele, tudo está nele; nele temos a vida, o movimento e o ser. Não há nenhum outro Deus, senão o Deus único; pois ainda que há os que se chamam deuses, quer no céu, quer na terra, para nós, contudo, há um só Deus, o pai, de quem todas as coisas tiram o ser, e para quem nós existimos."

Tendo assim proclamado a unidade indivisível do Pai, como o único Deus verdadeiro, não havendo NENHUM OUTRO DEUS senão o Pai, o Criador incriado, e dEle, por Ele e nEle só existindo criaturas; depois de ter assim proscrito e condenado toda divindade que se atribuísse a qualquer outro que não o Pai, seja no Céu, seja na Terra, e, por isso mesmo, na sua época e no porvir, como no passado consoante o politeísmo, e para sempre entre os discípulos do Cristo (judeus ou gentios), toda crença humana em uma divindade de Jesus, do "Filho" e do "Espírito Santo", por um dogma humano de três pessoas -, o apóstolo Paulo proclamou, sob o véu da letra: a origem e natureza espirituais de Jesus; sua posição espírita em referência a Deus e ao nosso planeta; a natureza extra-humana do corpo de que se teria revestido para sua aparição e passagem pela Terra e para o desempenho, aí, de sua missão; o caráter apenas aparente da concepção, da gravidez e do parto de Maria virgem; a maternidade de Maria, apenas aparente, como o foi apenas aparente a paternidade de José.

A origem e natureza espirituais de Jesus: Espírito criado, tendo tido, na origem, o mesmo ponto de partida que todas as demais criaturas de Deus, todas as outras essências espirituais, todos os outros Espíritos; vindo do mesmo princípio: o Pai: puro Espírito, de pureza perfeita e imácula.

"Deus, nosso pai, Jesus-Cristo, Nosso Senhor; porque aquele que santifica (Jesus-Cristo) e os que são santificados (os homens) vêm do mesmo princípio; por

isso aquele que santifica não receia chamar-lhes irmãos, dizendo: anunciarei vosso nome aos meus irmãos e vos louvarei em meio à assembléia de vosso povo. - Ele é santo, inocente e sem mácula, apartado dos pecadores, e mais alto do que os céus e perfeito para sempre - O esplendor da glória de Deus."

A posição espírita de Jesus em referência a Deus e ao nosso planeta: fundador, protetor e governador da Terra, incumbido do desenvolvimento e do progresso dos homens. Proscrevendo e reprovando toda divindade a ser concedida a outro que não o Pai, e, em conseqüência, ao Cristo, diz o apóstolo:

"Não há outro Deus senão só um. Pois ainda que há outros que se chamam deuses, quer no céu, quer na terra, contudo, para nós, há um só Deus, o Pai de quem todas as coisas tiram o ser e que nos criou para ele; e um só Senhor que é Jesus-Cristo, por quem foram feitas todas as coisas, e bem assim por ele é que nós somos tudo o que somos. Jesus é o nosso chefe. Ele é o chefe de todos os homens, mas Deus é o Chefe de Jesus-Cristo."

A natureza extra-humana do corpo de que se revestiu Jesus para sua aparição e passagem pela Terra e para o desempenho, aí, de sua missão: esse corpo era fluídico, sendo Jesus sempre Espírito nesse corpo fluídico adequado a longa tangibilidade e sobre o qual tinha poder; assim, na correlação do finito com o infinito, da criatura com o Criador incriado, era a imagem, o caráter da substância de Deus - de Deus, que é, em Sua substância, inteligência, pensamento, fluido, - o fluido universal que O envolve e parte dEle, como instrumento e meio, para Ele, de todas as criações nas ordens espiritual, fluídica e material, e que governa tudo o que dEle depende:

"E o esplendor da glória de Deus, a imagem, o caráter de Sua substância. Foi por isso que, ao entrar no mundo, ele disse: Não quisestes sacrifício nem oblação, mas formastes-me um corpo. - Toda carne não é a mesma carne. - Há corpos celestes e corpos terrestres. - O primeiro homem é terrestre, formado de terra. O segundo homem é o celeste, que veio do céu. O segundo Adão foi um Espírito vivificante."

O caráter apenas aparente - por virtude do Espírito Santo - da concepção e, por isso mesmo, da gravidez e do parto de Maria virgem; a maternidade de Maria, apenas aparente, como o foi a paternidade de José, sendo Jesus-Cristo sem pai, sem mãe, sem genealogia. e não tendo nem começo de seus dias, nem fim de sua vida.

"Jesus foi sagrado, por Deus, sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedec. - Não por uma lei de sucessão carnal, mas pelo poder de uma vida que lhe não pode ser tomada, que não tem de acabar. - Porque esse Melquisedec, rei de Salem e sacerdote do Deus Altíssimo, que encontrou a Abraão quando este voltava da matança dos reis, e o abençoou, com quem Abraão repartiu o dízimo de tudo (sendo, por interpretação, primeiramente Rei de justiça, e depois também Rei de Salem, que é Rei de paz, sem pai, sem mãe, sem genealogia que não tem princípio de dias, nem fim de vida, mas feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote continuamente."

Disse alguém: "Para São Paulo, Jesus é um ser misterioso, sem pai, sem mãe, sem genealogia, que se manifesta aos homens como a encarnação duma divindade, para cumprir um grande sacrifício expiatório; como, porém, se teria realizado essa encarnação, de que instrumentos se teria servido a divindade? Disso o apóstolo nos deixa na ignorância."

Deixa-nos na ignorância porque DEVIA ele ignorá-lo e ele mesmo o ignorava. Para ele, como para os demais apóstolos, para os discípulos e para o vulgo, da mesma sorte que, mais tarde, para os cristãos, Jesus foi, como ainda o é, sob o império e o véu da letra, um ente misterioso: sua origem e natureza espirituais; sua posição espírita em relação a Deus e ao nosso planeta; a natureza do corpo que tomou para aparecer na Terra e aí desempenhar sua missão superior; o modo de formação desse corpo; a natureza e o caráter da concepção por Maria virgem e, por isso mesmo, da gravidez e do parto dela, virgem, por virtude do Espírito Santo; os meios e modos que presidiriam a esses fatos; os instrumentos de que se utilizou a divindade para esse propósito, designados sob o nome de Espírito Santo - foram, como ainda o são, sob o império e o véu da letra, um mistério, que, ante a impossibilidade da inteligência e da razão humanas de penetrá-lo e explicá-lo, só deveria ser posto a descoberto por uma revelação nova; e essa revelação não poderia, nem deveria, surgir senão quando, de acordo com a presciência e sabedoria infinitas de Deus, estivessem os homens preparados e conduzidos aos tempos em que a pudessem suportar e compreender.

Diante e em conseqüência da revelação hebraica e da revelação do anjo a Maria e a José, tudo dispusera Jesus para a obra de sua missão terrena, pelos atos que cumprira, pelas palavras que pronunciara, de maneira a servir àquela época e a preparar o futuro para a era cristã sob o domínio e o véu da letra, e, ao mesmo tempo, de modo a fornecer a base e os elementos duma revelação nova, da "Revelação da Revelação", que viria despojar da letra o espírito, para a era, então futura, do Cristianismo do Cristo, a era espírita, sob o reinado do espírito.

O apóstolo Paulo, como os demais apóstolos, inspirado pelos Espíritos que o assistiam e o guiavam no desempenho de sua missão, perlustrou aquelas vias que traçara Jesus; e, da mesma forma que Jesus pronunciou palavras que, em face da revelação hebraica e da revelação do anjo a Maria e a José, diante dos atos que realizou e da obra de sua missão terrena, deveriam, de conformidade com o estado das inteligências, com os preconceitos e as tradições, com as necessidades e as aspirações da época, e no transcurso do tempo, fixar a atenção dos homens e ser recebidas, como as duas revelações, segundo a letra; da mesma sorte que Jesus pronunciou palavras que só deveriam chamar a atenção dos homens quando pudessem e devessem ter explicação, em espírito e em verdade, numa revelação nova que se faria necessária e que, ao mesmo tempo, viria expungir os erros de todas as interpretações humanas a respeito de todas aquelas palavras do Mestre que houvessem servido de base às crenças geradas, segundo a letra, na infância da humanidade; ASSIM TAMBÉM, o apóstolo Paulo, seguindo os caminhos traçados por Jesus, disse palavras que deveriam fixar a atenção dos homens e ser tomadas, DE INÍCIO, segundo a letra, e pronunciou também, sob a inspiração medianímica inconsciente, palavras cujo sentido exato ele mesmo não percebia e que só deveriam captar a atenção dos homens, igualmente, quando pudessem e

devessem ser explicadas, em espírito e em verdade, pela revelação nova, sob o reinado do espírito.

Era a missão do apóstolo Paulo, como a dos outros apóstolos, preparar e abrir os caminhos para a era cristã sob o império e o véu da letra; e pronunciar palavras, cujo espírito permanecia para ele, COMO O DEVERA SER, velado pela letra, e que eram destinadas a servir de base e de elementos à revelação futura, à "Revelação da Revelação", a ser a antecipada sanção desta. Foi assim que ele apresentou Jesus-Cristo, a um tempo, não somente com uma origem e natureza humanas, descendente, segundo a carne, dos patriarcas, homem sujeito à morte, realmente morto no Gólgota e ressuscitado; mas, ainda, com uma origem e natureza extra-humanas, filho de Deus, vindo ao mundo com um corpo formado pelo próprio Deus, filho de Deus, sem pai, sem mãe, sem genealogia; não tendo havido começo de seus dias, nem fim de sua vida; tendo tido, assim, apenas em aparência, um início de vida humana: a concepção, a gravidez e o parto de Maria virgem, além do nascimento, nos quais os homens deveriam crer, e creram, como realidades, quando foram não mais do que aparentes, não tendo, outrossim, a não ser somente em aparência, um fim de vida: a morte, na qual DEVIAM os homens crer, e creram, como realidade, quando fora apenas aparente, pois Deus, que não queria hóstia, oblação, formara para Jesus um corpo, cuja vida não a poderiam os homens destruir.

Mas, então, porque, na ordem das revelações sucessivas e progressivas, pela obra da missão terrena de Jesus e pela da missão dos apóstolos, teria sido Jesus apresentado, ao mesmo tempo, de início, com uma origem e natureza humanas e, mais tarde, com origem e natureza extra-humanas; e por que necessidade, por que motivo, com que finalidade, teriam ASSIM ocorrido a revelação hebraica e a revelação do anjo a Maria e a José, bem como, em face e em virtude dessas duas revelações, a obra da missão terrena de Jesus e a da missão dos apóstolos?

Esta questão foi e continua a ser, para a inteligência e razão humanas, uma dificuldade, um problema, insolúveis; só poderia e deveria ser resolvida com o auxílio e em consequência do se conhecerem, em espírito e em verdade, de acordo com as leis da Natureza, a origem e a natureza espirituais de Jesus, sua posição espírita em relação a Deus e ao nosso planeta, a natureza do corpo que revestia e a formação desse corpo EM CAMPO ALHEIO à humanidade. É essa questão satisfeita pela revelação nova, pela "Revelação da Revelação", que dá a conhecer aos homens o seguinte:

Jesus, puro Espírito, Espírito de perfeita e imácua pureza, fundador e governador da Terra, não poderia, nem deveria, conforme às imutáveis leis da Natureza¹³, revestir o corpo material humano do homem de nosso planeta, corpo de lama, incompatível com sua natureza espiritual; entretanto, para aparecer e cumprir sua missão terrena, precisava ele - segundo aquelas leis e pela aplicação e conformação destas ao nosso mundo, uma vez que a inalterável vontade de Deus jamais as derroga - de revestir um corpo em harmonia, compatível, com sua natureza espiritual e relativamente em consonância com a nossa esfera, tal que iludisse os olhos dos homens. Deveria, assim, Jesus tomar um corpo que não fosse

13 Ver, para as explicações e desenvolvimentos, os Ev. de Mateus, Marcos e Lucas **reunidos**, ns. 67, 14 e 31.

da mesma natureza que o dos terrícolas; deveria seu corpo ser semelhante ao dos homens, ter-lhe a mesma forma, a fim de que, nele vendo um de seus semelhantes, fossem para ele atraídos por força dessa conformidade; para que seus corações fossem tocados pelas palavras, ensinamentos e exemplos do Mestre; para que a vida de Jesus, pura e sem mácula, toda de abnegação, de caridade e de amor, lhes mostrasse quanto valia ele mais do que os homens, e que fossem eles levados a amá-lo, a admirá-lo e a segui-lo; a fim de que, vendo-lhe os atos, ESTRANHOS aos dos outros homens, pasmassem, se comovessem, fossem impelidos a reconhecer que ele era um enviado de Deus e que o que ele ensinava procedia também de Deus.

Daí, na ordem das revelações sucessivas e progressivas, a necessidade, o motivo e a finalidade duma origem e natureza humanas para Jesus e para os olhos dos homens, e, portanto, da paternidade de José, da maternidade de Maria, duma família e genealogia humanas, A PRINCÍPIO como condição e meio do desempenho de sua missão terrena e durante essa missão.

Mas, se essa origem e essa natureza humanas, se essa paternidade, essa maternidade, essa família, essa genealogia deveriam ser uma realidade aos olhos dos homens, durante a missão terrena de Jesus e como condição e meio do desempenho dessa missão, não deveriam elas, entretanto, ser senão transitórias, sendo apenas aparentes, pois que não poderia Jesus ter revestido, nem revestiu, o corpo material humano, do homem do nosso planeta; e daí, na ordem das revelações sucessivas e progressivas, para Jesus, e após o cumprimento de sua missão terrena, a necessidade, o motivo e a finalidade duma origem e duma natureza extra—humanas.

Segundo a presciência e sabedoria infinitas de Deus, Jesus devia, diante e em virtude da obra de sua missão terrena, ser, aos olhos dos homens, ao mesmo tempo um homem, com um corpo material humano, tal como o do homem de nosso planeta, e um Deus, Deus feito homem, mortal, realmente morto, para eles, no Gólgota, e depois "ressurrecto", no sentido que se atribuía e ainda se atribui a este vocábulo, mediante a reocupação dum cadáver humano pelo Espírito; assim deveria ser, consoante o nível das inteligências, os preconceitos e as tradições, as necessidades e aspirações da época, bem como pelo resultado das interpretações humanas.

Daí; para Jesus e após o desempenho de sua missão terrena, a necessidade, o motivo e a finalidade duma origem e natureza milagrosas, divinas, humanas e extra-humanas, a um tempo, e, portanto, da maternidade de Maria virgem, através da concepção e, em consequência, da gravidez e do parto dela, virgem, por virtude do Espírito Santo.

Mas, se essa origem e essa natureza, milagrosas, divinas, ao mesmo tempo humanas e extra-humanas, para Jesus; se essa maternidade de Maria virgem, essa concepção, essa gravidez e esse parto dela, virgem, por obra do Espírito Santo, deviam, sob a capa do mistério e sob o véu da letra, ser, aos olhos dos homens e pelo fato das interpretações humanas, uma realidade, só assim deveria ser -conforme a necessidade dos tempos, o estado das inteligências, os preconceitos e as tradições, as necessidades e as aspirações da época - a título

transitório, como condição e meio da progressiva marcha da humanidade no caminho da luz e da verdade, de modo a servir àquela época, salvaguardando o futuro, e a fim de preparar a humanidade para o que ela DEVIA saber.

Assim deveria ser somente a título transitório, pois a concepção, a gravidez e o parto de Maria virgem não poderiam ser uma realidade; a concepção no seio da mulher e, em conseqüência, a gravidez e o parto, só podem ocorrer pelo concurso dos dois sexos, em obediência às leis da Natureza que regem a concepção em nossa Terra, leis que Deus jamais derroga, por serem imutáveis como Sua vontade, da qual dimanam. Assim deveria ser, pois, necessariamente, aquela concepção, aquela gravidez, aquele parto de Maria virgem só poderiam ser apenas aparentes, por virtude do Espírito Santo; pois, necessariamente ainda, a maternidade milagrosa, divina, de Maria virgem, após o desempenho da missão terrena de Jesus, era só apenas aparente, como eram apenas aparentes a maternidade humana de Maria e a paternidade de José durante aquela missão; pois, segundo as palavras do apóstolo Paulo, Jesus era sem pai, sem mãe e sem genealogia, tendo Jesus dito aos homens: "Vós sois da Terra, e eu sou do Céu, sou vindo do Céu, desci do Céu."

Assim deveria ser somente a título transitório, porquanto Jesus-Cristo não é Deus, não existindo a divindade a ele atribuída pelas interpretações humanas; pois, com efeito, declarou ser o Pai o único Deus verdadeiro, assim proclamando a unidade indivisível de Deus; porque, ante essas palavras de Jesus, o apóstolo Paulo proscreeu e condenou toda divindade que não fosse a do Pai, quer no Céu, quer na Terra, declarando não haver nenhum outro Deus senão o único Deus, que é o Pai, de Quem todas as coisas têm o ser e Que nos fez para Si.

Não sendo Jesus-Cristo, nem homem de nosso planeta, fosse por concepção humana pelo concurso de José e de Maria, fosse por concepção "milagrosa", divina, no seio de Maria virgem, nem Deus, por não ter a divindade que lhe atribuíram as interpretações humanas, daí decorrem a necessidade, o motivo e a finalidade, na ordem das revelações sucessivas e graduais, de uma revelação nova, "Revelação da Revelação", que venha, em espírito e em verdade, por força das leis da Natureza, trazer ao conhecimento dos homens: a origem e a natureza espirituais de Jesus; sua posição espírita em relação a Deus e ao nosso planeta; seus poderes, e sua autoridade sobre a Terra e sua humanidade; o caráter extra-humano do corpo de que se revestira para aparecer e passar por nosso mundo e para nele cumprir sua missão superior; os recursos por meio dos quais se teria formado esse corpo; a natureza e o caráter apenas aparentes da concepção e, em conseqüência, da gravidez e do parto de Maria virgem; quais os agentes que sob o nome de Espírito Santo e como instrumentos da divindade, procederam a essa gravidez e a esse parto apenas aparentes; os meios de que se utilizaram para esse fim, de tal modo que Maria, iludida, acreditou, como o deveria ser, nessa gravidez e nesse parto, como se realidades fossem.

Foi para preparar e conduzir os homens para aquilo que um dia deveriam saber segundo o espírito que vivifica, depois de atravessadas todas as fases dos esforços e lutas do pensamento, das interpretações e contradições humanas, sob o império e o véu da letra, que se manifestaram a revelação hebraica e a do anjo a Maria e a José, bem como se realizaram a obra da missão terrena de Jesus e a da

missão dos apóstolos; que essas duas revelações e essas duas missões foram determinadas e afeitas, segundo a letra, à infância da humanidade, ao mesmo tempo encerrando, segundo o espírito oculto sob a capa do mistério, sob o prestígio do milagre e sob o véu da letra, a base e os elementos da revelação, predita e prometida pelo Cristo, "do Espírito da Verdade", da "Revelação da Revelação", que deveria surgir quando os tempos fossem chegados, isto é, no momento em que, havendo percorrido as fases da infância, da puberdade, da adolescência, estivesse a humanidade, nos tempos precursores da sua idade viril, preparada para poder suportá-la e compreendê-la.

Se nos reportarmos ao gradual desenvolvimento do intelecto, dos preconceitos, tradições e crenças vulgares - do povo hebreu e dos demais povos -, entre os quais surgiram as sucessivas e progressivas revelações e entre os quais deveriam elas ser, como o foram, difundidas; se, através dos séculos, seguirmos a marcha do espírito humano na lenta, laboriosa via do progresso e da ciência sob todos os pontos de vista, nas ordens física, moral e intelectual, bem como na esfera das interpretações e contradições humanas, DESDE OS TEMPOS em que se anunciou e preparou o advento do Messias até a época do aparecimento da passagem de Jesus-Cristo pela Terra, E DESDE ESTA ÚLTIMA EPOCA até os nossos dias - inclinar-nos-emos, com admiração, reconhecimento e amor, ante a presciência e sabedoria infinitas de Deus, que, sucessiva e progressivamente concede a cada época o que ela possa perceber; que tudo prepara, tudo dispõe, tudo conforma, na ordem das revelações, dos acontecimentos, de acordo com o nível das inteligências, dos preconceitos, das tradições, das crenças vulgares, para que a humanidade, conduzida e dirigida por Espíritos encarnados em missão, sempre relativamente superiores às massas, pouco a pouco avance para a luz e para a verdade, de sorte a sempre ser esclarecida, jamais deslumbrada. É assim que ela se agita, de INÍCIO, nas fraldas da infância, em face da autoridade que se firma e se impõe, segundo a letra, em nome do mistério, do milagre; DEPOIS, procura desembaraçar-se dessas peias, em nome da independência e da liberdade da razão humana e do direito de livre exame; e, FINALMENTE, na impossibilidade de romper a crosta do mistério, de explicar os milagres, de penetrar o véu da letra, esbarra na dúvida, na incredulidade, na negação, contudo preparada pelas conquistas do pretérito e pelos progressos alcançados, para receber a luz nova do espírito que vivifica e que, pela explicação dos fatos em espírito e em verdade, em obediência às leis da Natureza, deve, uma vez que a fé cega, depois de ter propiciado seus frutos segundo a letra, se tornou insuficiente, instituir a fé simples, raciocinada e racional.

Reverenciaremos, com admiração, reconhecimento e amor, a presciência e sabedoria infinitas de Deus, que tudo prepara, dispõe e afeiçoa, na ordem das sucessivas e graduais revelações e dos acontecimentos, ante e em consequência da obra da missão de Moisés e dos profetas, e da obra auxiliar dos Espíritos em missão entre os gentios, preparatórias do advento do Messias e do desempenho da missão superior deste, pela obra da missão terrena de Jesus-Cristo e pela obra auxiliar da missão dos apóstolos, a fim de que a humanidade pudesse agitar-se e ser, passo a passo conduzida pelo caminho da vida eterna, a qual - disse-o Jesus - consiste em conhecer o Pai, que é o único Deus verdadeiro, e em conhecer Jesus-Cristo, por Ele enviado; e de tal modo o fez, que aquilo que houvesse de ser para a marcha progressiva da humanidade, o fosse, A PRINCÍPIO, segundo a letra, no

tempo de sua infância, sob a capa do mistério, sob o prestígio do milagre, e, DEPOIS, segundo o espírito, de acordo com as leis da Natureza, nos tempos precursores de sua virilidade.

Foi assim que o que devia, a título transitório e preparatório, ser realidade aos olhos dos homens e que não era senão mera aparência, o foi, no passado até o dia de hoje, para a era cristã sob o império e o véu da letra; e o que devia e deve ser a título definitivo, em espírito e em verdade, o É pela revelação nova, pela "Revelação da Revelação", e SERÁ, progressivamente e cada vez mais, pelo órgão do Espírito da Verdade, para a era nova do Cristianismo do Cristo - para a era espírita -, sob o reinado do espírito.

Xxx Apresentando a causa natural de tudo quanto é intitulado mistério, milagre, no sentido de que teria havido DERROGAÇÃO das leis da Natureza, imutáveis como imutável é a vontade de Deus, da qual emanam e que, assim, jamais as modifica; explicando em espírito e em verdade, conforme àquelas leis: a origem e a natureza espirituais de Jesus; sua posição espírita em referência a Deus e ao nosso planeta; a natureza e o caráter apenas aparentes da concepção, gravidez e parto de Maria virgem, por virtude do Espírito Santo; a natureza do corpo de que Jesus se revestira para sua aparição e passagem pela Terra, - a "Revelação da Revelação" esparge claridade sobre tudo o que se afigurava treva; satisfaz ao progresso do espírito humano e dos tempos modernos, às necessidades e às aspirações da época; em harmonia luminosa coloca as palavras que Jesus pronunciou sob o véu da letra, os atos que ele realizou, os eventos que presidiram à obra de sua missão terrena, e, simultaneamente, projeta luz sobre a necessidade, o motivo e a finalidade da revelação hebraica e da feita pelo anjo a Maria e a José, bem como, em face e em consequência dessas duas revelações, sobre a necessidade, o motivo e a finalidade da obra da missão dos apóstolos.

A "Revelação da Revelação" apresenta Jesus aos homens como puro Espírito, de perfeita e imácua pureza; semelhante a todas as criaturas, segundo as leis imutáveis e eternas da Natureza, provindo do mesmo princípio: Deus uno, indivisível, imutável, eterno, infinito, Criador incriado, que cria, não, porém, pela divisão de Sua essência; partindo, como todas as criaturas, do estado originário de essência espiritual, passando, segundo as imutáveis e eternas leis da Natureza, para seu desenvolvimento e progresso, pelos reinos mineral, vegetal e animal, para atingir o estado de Espírito acabado, de Espírito dotado do livre arbítrio e da razão, tendo a consciência e a liberdade, e, por consequência, a responsabilidade de seus atos; depois, chamado, como todas as criaturas, a eleger seu caminho, permanecendo sempre dócil à voz e aos conselhos de seus Guias e, assim, alcançando desde o estado de inocência, de simplicidade e de ignorância, sempre se mantendo puro na via do progresso, ao ponto culminante da perfeição e tornando-se, destarte, puro Espírito, sem jamais haver falido; tendo recebido de Deus a tarefa de fundar, proteger e governar nosso globo, encarregado do desenvolvimento e progresso deste e de todas as criaturas, em todos os reinos naturais, que a nossa Terra abriga no seio, em seus ambientes e à sua superfície, do desenvolvimento e progresso de nossa humanidade, conduzindo-a até à perfeição. Tal como o afirma aquela revelação, Jesus-Cristo é, realmente, aquele de quem disse o apóstolo Paulo: que proviera do mesmo princípio que os homens; e eis por que lhes chamava seus irmãos, por que é santo, inocente (innocens), sem

mácula (impoliutus), apartado dos pecadores (segregatus a peccatoribus) e perfeito por todo o sempre; eis por que tem por chefe a Deus, que é o Pai de Quem todas as coisas têm o ser e Que fez os homens para Si, o Único Deus, nenhum outro havendo senão Ele - o Rei dos reis, o Senhor dos senhores; eis por que Deus é o único Senhor dos homens, seu Chefe, por Quem todas as coisas foram feitas e por Quem os homens são tudo o que são. Jesus-Cristo é, efetivamente, aquele que aos homens chamou seus irmãos, dizendo-lhes: "Meu Pai é vosso Pai, meu Deus é vosso Deus" e que disse também: "Quem me convencerá de pecado?"; é aquele que solenemente proclamou que seu Pai era maior do que ele, sendo o único Deus verdadeiro; que, referindo-se à Terra e a seus habitantes, declarou ser o único médico e o único mestre, filho de Deus e filho único em relação aos homens, por se achar acima deles em virtude de sua pureza e de seu poder; que era rei, investido de poderes ilimitados, tendo-lhe sido todas as coisas depositadas nas mãos pelo Pai; que anunciou e predisse que retornaria ao nosso planeta purificado e transformado, quando, então, seria soberano visível às criaturas igualmente purificadas e transformadas, e que, nesse momento, os homens, em uníssono, elevariam este canto de júbilo que ressoou por ocasião de sua entrada em Jerusalém: "Bendito o que vem em nome do Senhor! bendito o Rei de Israel!"

Tal como a "Revelação da Revelação" o apresenta aos homens: revestindo VOLUNTARIAMENTE um corpo em harmonia e compatível com sua natureza espiritual e, relativamente, em consonância com a nossa esfera, a fim de aparecer e cumprir sua missão terrena, corpo fluídico, capaz de tangibilidade prolongada e sobre o qual tinha poder; sendo sempre Espírito nesse corpo, formado este de acordo com as leis que regem os mundos superiores, aplicadas e adequadas aos fluidos ambientes de nosso planeta, os quais servem para a formação de nossos seres; assim é, com efeito, Jesus-Cristo aquele de quem asseverou o apóstolo Paulo: que era "sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo, assim, tido, nem início de seus dias, nem fim de sua vida"; com isto afirmava aquele apóstolo, sob o espesso véu da letra e para os tempos futuros do advento do espírito, que a aparição e a passagem de Jesus pela Terra foram manifestação espírita, com ou sem tangibilidade, conforme as circunstâncias ou as necessidades de sua missão terrena; que era Jesus "a imagem, o caráter da substância ¹⁴ de Deus, o qual, não tendo querido hóstia, nem oblação, lhe formara um corpo para entrar no mundo"; que Jesus era (nesse corpo e com esse corpo) "um ESPÍRITO VIVIFICANTE".

E, na verdade, aquele que, preparando os homens para compreenderem ser ele estranho a toda origem e natureza humanas, sem pai, sem mãe, sem genealogia, disse aos fariseus:

"Que idéia fazeis do Cristo? de quem é filho? - Responderam-lhe: De David. Replicou Jesus: "Como é, então, que David, movido pelo Espírito Santo, lhe chama Senhor, dizendo: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? - Portanto, se David lhe chama Senhor, como é ele seu filho?" ¹⁵

¹⁴ Inteligência, pensamento, fluidos.

¹⁵ Os grifos são do próprio Roustaing. – N. Trad.

E, realmente, aquele que, proclamando, sob a capa do mistério e o véu da letra, sua natureza e origem extra-humanas, fora de nossa humanidade, estranhas a toda concepção e geração humanas, por obra de José e de Maria, a toda concepção no seio de Maria virgem, disse:

"Vós SOIS cá de baixo, EU SOU lá de cima; vós SOIS deste mundo, EU NÃO SOU deste mundo." "DESCI do "céu, não para fazer minha vontade, mas para fazer a vontade dAquele que me enviou." ¹⁶

Jesus, na realidade, é aquele que, com tal corpo fluídico, adequado a duradoura tangibilidade, que não podia ser objeto, nem duma hóstia, nem duma oblação pela morte humana e que, aos olhos dos homens, constituía SUA VIDA, declarou, aludindo à sua "morte", considerada, COMO O DEVIA SER, real pelos homens - apenas aparente, porém -, ao seu aparecimento e passagem pela Terra, à sua "ressurreição", às suas aparições às mulheres e aos discípulos, àquele corpo, que lhe fora instrumento de sua missão terrena:

"Deponho a minha vida para a retomar; ninguém ma
"arrebata, eu a deponho pela minha própria vontade,
"Tenho a faculdade de a depor e tenho a faculdade de a
"retomar. ESTA ORDEM, eu a recebi de meu Pai." ¹⁷

E verdadeiramente aquele que, com um corpo assim, morreu e ressuscitou aos olhos dos homens; que fez desaparecesse do sepulcro esse corpo; estando selada a pedra que fechava a entrada do túmulo; que, com tal corpo, HÁ REAPARECIDO, aparecendo às mulheres e aos discípulos, nas condições e circunstâncias concernentes a cada uma de suas aparições; DESAPARECEU aos olhos dos dois discípulos que encontrara na estrada de Emaús, estando à mesa com eles; APARECEU entre os apóstolos, no local onde se haviam congregado, tendo aí penetrado, apesar de estarem as portas fechadas por temor dos judeus.

E, de fato, aquele que com tal corpo se elevou às regiões etéreas, na época denominada "ascensão", ante os olhares dos discípulos reunidos, voltando à sua própria natureza espiritual pelo definitivo abandono de tal corpo, de que ele não se revestira senão para as necessidades de sua missão terrena, o qual tinha ele a faculdade de pôr de lado e de retomar, VOLUNTARIAMENTE aceitara para cumprir aquela missão e, também de sua própria vontade, deixara, uma vez terminada sua tarefa em nosso planeta.

O que deduzimos, por via de indicação, da obra da "Revelação da Revelação", cujo empreendimento nos foi determinado pelos ministros do Senhor, sobre Deus, que rege tudo a Ele subordinado, na eternidade e no infinito; sobre a unidade e solidariedade - da Criação emanada de Deus, sendo tudo dEle, por Ele e nEle, tendo tudo nEle a vida, o movimento, o ser; sobre a origem do espírito (a origem da alma), seus estádios, fins e destinos; sobre Jesus-Cristo; sobre o Espírito Santo, designando-se, com este nome, Espíritos do Senhor, Seus ministros ou agentes, de acordo com a ordem hierárquica de elevação moral e intelectual,

¹⁶Os grifos são do próprio Roustaing. – N. Trad.

¹⁷Os grifos são do próprio Roustaing. – N. Trad.

instrumentos de Sua Providência, - prepara a compreensão, em espírito e em verdade, destas palavras do apóstolo Paulo:

"Vós sois todos um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados a uma só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos e em todos."

Esta obra de que os ministros do Senhor nos incumbiram, prepara a unidade das crenças entre os homens; prepara estes para reconhecerem não existir senão UMA FÉ, que é DEUS UNO, INDIVISÍVEL, que cria, não pela divisão de Sua essência, CRIADOR INCRIADO, O PAI, de quem todas as coisas recebem o ser e que para Ele nos fez.

Prepara-os para o conhecimento de JESUS-CRISTO, como puro Espírito, Espírito de perfeita e imácua pureza, cuja perfeição se perde na noite dos tempos; como fundador, protetor e governador de nosso globo, a cuja formação presidiu, encarregado do desenvolvimento e progresso da Terra e de todas as criaturas de todos os reinos da Natureza, do desenvolvimento e progresso da humanidade, conduzindo-a até à perfeição; como o FILHO, nosso único senhor, nosso único médico e nosso único mestre, pelo qual todas as coisas, com referência à Terra, foram feitas, como é por ele que somos tudo o que somos; por quem todas as coisas foram feitas, NÃO que ele fosse poder criador, pois só Deus cria os universos, mas a título de ministério, tendo congregado os materiais sob a direta inspiração divina, sob o império, o funcionamento e a aplicação das imutáveis e eternas leis da Natureza, emanadas da invariável vontade de Deus; por quem somos tudo o que somos, NÃO que ele haja dado o ser às criaturas que vivem no seio da Terra, em seus ambientes e à sua superfície, pois só Deus concede a vida, o movimento, o ser, mas porque dirigiu e dirige o desenvolvimento e o progresso de todas as essências espirituais e dos espíritos, nas ordens física, moral e intelectual, sob o império, funcionamento e aplicação das leis imutáveis e eternas da Natureza, emanadas da imutável vontade de Deus.

Prepara esta obra os homens, para conhecerem os ESPÍRITOS DO SENHOR, que, sob a direção de Jesus, trabalharam na formação de nosso globo, trabalharam e trabalham para o desenvolvimento e progresso da Terra e de todas as criaturas de todos os reinos da Natureza, para o desenvolvimento e progresso da humanidade. Tais, sob o nome de ESPÍRITO SANTO, são nossos Irmãos, nossos Protetores, nossos Guias, que nos inspiram e nos ajudam a avançar na via do aperfeiçoamento de nossos espíritos, nas ordens física, moral e intelectual; são órgãos do Espírito da Verdade, quer viventes no espaço, quer encarnados em missão, para nos conduzir à luz e à verdade, missionários humildes, inteligentes, ativos e abnegados, que progredem fazendo progredir a seus irmãos.

Esta obra, que os ministros do Senhor nos ordenaram empreender, prepara os homens para reconhecerem que SÓ EXISTE UM BATISMO: o batismo do Espírito Santo e do fogo, o qual Jesus concede aos homens de boa vontade - consciente ou inconscientemente da parte deles -, proporcionando-lhes a assistência, o auxílio, o concurso, a proteção dos bons Espíritos; inspirando-lhes o arrependimento e a reparação dos erros, e, portanto, a prática do estudo, do trabalho, do amor e da caridade, nas ordens física, moral e intelectual, esses

Espíritos abrem aos homens as vias da purificação e do progresso por intermédio de encarnações, a princípio, expiatórias, e, depois, gloriosas, e os preparam para avançar, cada vez mais, na marcha ascensional das vidas sucessivas - através dos séculos -, para a perfeição sideral, para a vida eterna dos Espíritos puros. Destarte, quando hajam alcançado essa perfeição e passado à condição de Espíritos puros, os homens participam da pureza e da felicidade de Jesus; aproximam-se, como ele, do foco da Onipotência, do Rei dos reis, do Senhor dos senhores, dAquele que é soberanamente feliz, o único poderoso, o único que possui a imortalidade, que vive numa luz inacessível e que nenhum homem jamais viu, nem pode ver; tornam-se ministros diretos de Suas obras, de Sua vontade, de Sua Providência, no infinito e na eternidade, para o progresso universal, para a vida e harmonia universais; terão sempre que aprender da ciência universal, porquanto nenhum Espírito criado, por mais adiantado que seja, pode jamais igualar-se a Deus: imutável, eterno, infinito, somente Deus tem atingido, de toda a eternidade, o supremo limite, sendo o único que possa dizer: Não irei além.

Esta obra, cuja empresa nos prescreveram os ministros do Senhor, prepara os homens para reconhecerem que, sejam quais forem suas crenças e seus cultos exteriores, só existe, para os homens, uma via de salvação: a caridade - a caridade, que implica a justiça e o amor; que é a base da fé e a fonte da esperança, pois, como o disse o apóstolo Paulo, "a caridade é maior do que a fé e a esperança", e como, através de um médium, nos disse João, filho de Zacarias e de Isabel, a 24 de Junho de 1861: "se a fé e a esperança são irmãs, ambas são filhas da caridade e do amor"; a caridade praticada sob todas as formas, nos planos material, moral e intelectual; essa caridade humilde, sincera, esclarecida, ativa, desinteressada e dedicada, que, segundo as palavras do apóstolo Paulo, é "longânima, é benigna, não é invejosa, não se jacta, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não se regozija com a injustiça, mas regozija-se com a verdade." ¹⁸

Reiteramos, ao terminar, estas solenes palavras de Jesus: "A vida eterna consiste em vos conhecer, meu Pai, que sois o único Deus verdadeiro, e em conhecer Jesus-Cristo, que enviaste."

Sim, a vida eterna consiste em conhecer o Pai, que é o único Deus verdadeiro - Criador incriado de tudo o que existe na ordem das criações espirituais, fluídicas, materiais, o único poderoso, o único princípio de toda vida, de toda inteligência, de toda luz, de toda verdade, de todo progresso; porque nEle estão a vida, o movimento, o ser, para tudo e para todos, no infinito e na eternidade; dEle, por Ele e nEle são o amor universal, o progresso universal, a ciência universal, a vida e a harmonia universais.

A vida eterna consiste em conhecer Jesus-Cristo, enviado por Deus, isto é, em conhecer a grandeza, o objeto e a finalidade de sua missão terrena, pela qual veio ensinar os homens a viver e a morrer, tendo em vista o progresso do Espírito, ensinar-lhes a vida preparatória da eternidade, indicar-lhes a trilha que deveriam perلustrar seguindo-lhe as pegadas; em conhecer, em espírito e em verdade, a grande revelação messiânica, enfeixada nos Evangelhos, a qual, por suas predições

¹⁸ Os grifos são do próprio Roustaing. – N. Trad.

e promessas, foi, é e será a fonte de toda a luz, de toda a verdade e de todo o progresso, e que, explicada e desenvolvida progressivamente pelo Espírito da Verdade, conduzirá nosso planeta e sua humanidade, purificados e transformados para o advento de Jesus, por ele predito e prometido, na época em que ele virá, em todo o seu esplendor espírita, mostrar a verdade sem véu. Consiste, igualmente, a vida eterna em conhecer a amplitude, o objeto e a finalidade da missão espiritual de Jesus, como fundador, governador e protetor da Terra, as vias e os recursos que presidiram, presidem e presidirão ao desempenho daquela missão; e, tendo ele conduzido nossa humanidade à perfeição, em seguir, na eternidade e no infinito, suas luminosas pegadas; porque, quando seus protegidos se tenham tornado Espíritos puros, Jesus lhes será superior em ciência universal e para eles será eternamente um Guia, sempre avançando à sua frente, na via do progresso, em ciência universal: o progresso em ciência é sem limites, como Deus, a Eternidade, o Infinito.